

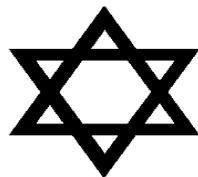
Nosso parente mais próximo, ou: nosso Resgatador!

(Estudo no livro de Rute)

Roy Hession



***Atletas
em Ação***



Atletas em Ação é o ministério esportivo da
Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo

Caixa Postal 61

13.460-000 – Nova Odessa - São Paulo

Tel/Fax (019) 9781-9001

NOSSO PARENTE MAIS PRÓXIMO, OU: NOSSO RESGATADOR!

A mensagem de redenção e reavivamento no livro de Rute

Roy Hession



Fui, recentemente, levado a fazer um estudo do livro de Rute por causa de uma necessidade pessoal e esta é, geralmente, a melhor forma de se aproximar das Escrituras.

Há algum tempo eu estava me sentindo espiritualmente fraco, quando ouvi, através do toca-discos, as palavras e a música de um hino que era novo para mim.

**“Cobre-me, cobre-me;
Estende a borda do teu manto sobre mim
Porque tu és meu resgatador.”**

Sem dúvida, o hino era baseado nas palavras de Rute a Boaz, em Rute 3:9 – “Estende tua capa sobre tua serva, porque tu és resgatador.”

Quando ouvi, meu coração foi tocado. Vi-me como um cristão tão empobrecido como Rute estava, mas vi o Senhor Jesus como meu Resgatador, meu Boaz, que tinha o direito de me redimir da minha situação de necessidade. Orei, quase literalmente, as palavras que Rute dirigiu a Boaz. Confessei minha necessidade e pedi que ele estendesse sua capa sobre seu servo errante, para tornar-me e restaurar-me novamente. Ele fez exatamente isso naquele dia.

Desde então, ao cantar aquele hino, passei a ver um significado especial nas palavras: “Estende a borda do teu manto sobre mim” Achei-me, algumas vezes, tão frio de coração, que fiquei a imaginar se o manto da graça me alcançaria assim tão longe como eu estava. Eu não precisaria temer, porque aquele manto era feito de um material tão maravilhosamente elástico, e porque a graça de Deus, por sua própria natureza, se estende a qualquer condição de necessidade ou culpabilidade.

Como conseqüência disso, olhei novamente para o livro de Rute, de onde essas palavras falavam para mim.

O resultado foram os tocantes capítulos deste pequeno livro. Eles, certamente, foram tocantes para mim e eu apenas posso orar para

que eles também o sejam para o leitor, e que possam levá-lo a uma nova visão de Jesus como nosso Resgatador.

É surpreendente como, até aqueles que imaginam ter alguma familiaridade com o livro de Rute, têm, na verdade, apenas um conhecimento superficial da história, mais baseado nos seus aspectos sentimentais, perdendo alguns de seus mais finos e sutis detalhes, que são essenciais para o entendimento de sua mensagem. Isto certamente foi verdade para mim, até que comecei este presente estudo do livro que descobri ser um escrito extremamente bem organizado e que não inclui nada que não seja essencial ao desenvolvimento da história e, assim, à sua mensagem para nós.

Isto significa que não se pode ignorar a menor frase que seja, achando que não possui significado.

CAPÍTULO 1

REDENÇÃO E REAVIVAMENTO NO LIVRO DE RUTE

 o estudar este interessante livro de apenas 4 capítulos, descobri que ele é um épico do grande tema da redenção. Isto porque toda a história é baseada na antiga lei de Moisés, a qual, no caso de um homem ter de vender todas as terras de sua família, por causa da pobreza, dava a um parente seu, o direito de redimí-las e restaurá-las para ele. Em toda a transação de vendas de terras, esta cláusula era claramente entendida por todos. A terra era sempre comprada com a previsão que, se houvesse um parente próximo que tivesse meios de fazê-lo, ele tinha o direito de redimir para seu irmão o que este havia perdido e o comprador não poderia dizer nada em contrário. Este direito se estendia não somente à redenção da terra, mas também à de pessoas. Levítico 25:27-48 visava uma situação em que o homem havia vendido, não só as suas terras, mas também a si mesmo como escravo de outrem, com o fim, provavelmente, de pagar as suas dívidas. Até mesmo quando as coisas chegavam a esse ponto, o texto diz: “Haverá ainda resgate para ele; um de seus irmãos poderá resgatá-lo.”

Em cada quinquagésimo ano, naquele ano chamado de jubileu, todas as terras, em qualquer caso, eram retomadas pelo proprietário original, e todos os escravos eram libertos e voltavam para a sua família. (Levítico 25:8-17)

Nesse grande e festivo ano quando, com o toque de trombetas, liberdade era proclamada por toda a terra, era decretado que cada um retornaria à sua possessão e cada um à sua família. Mas, 50 anos era um tempo longo para esperar. Alguns poderiam não viver para ver o próximo jubileu e, assim, nunca voltariam a possuir suas terras ou nunca voltariam a reunir-se às suas famílias. Assim, essa graciosa lei de resgate investida na pessoa do parente próximo, foi colocada no livro da lei para oferecer esta esperança de restauração e libertação, mesmo antes do quinquagésimo ano.

A este parente próximo era dado um nome especial, em hebraico, “Goel”, que é traduzido no livro de Rute como: “parente próximo”.

Todavia, em quase todas as outras passagens do Antigo Testamento, esta palavra é traduzida como “Redentor”. Assim, quando você lê a palavra “Redentor” no Antigo Testamento, e ela está normalmente falando de Deus, em quase todos os casos, é a palavra “Goel”, com todas essas compassivas associações.

Mais do que isso, sob a lei de Moisés, o homem tinha o dever, quando seu irmão morria sem descendência, de tomar a viúva como sua esposa e suscitar descendência a seu irmão, a qual tomaria o nome de seu irmão e herdaria as suas terras. (Deuteronômio 25:5-10)

Não fosse essa previsão, as terras da família dadas como porção a cada tribo, sob Josué, seriam perdidas para aquela família, e a família mesma se tornaria extinta. Esta lei, conforme estabelecida em Deuteronômio 25, coloca essa obrigação sobre o irmão do morto, mas na forma pela qual a história de Rute se desenvolve, parece que ela veio a ser considerada como dever do parente mais próximo, o “Goel”, fosse ele chegado como um irmão ou não.

O livro de Rute é baseado nestas duas leis misericordiosas de Moisés, e dão o mais completo exemplo na Bíblia de como elas funcionam na prática – além de ser uma bela história.

O verso chave é, eu sugiro, Rute 3:9, onde Rute diz a Boaz: “... Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador.”, isto é, um “Goel”.

Ao pedir-lhe para estender sua capa sobre si, naquela noite na eira, ela não estava sendo culpada de falta de modéstia; era um ato simbólico, no qual ela clamava a ele que, como “Goel”, deveria exercer seu direito de redimir a herança perdida da família dela e tomá-la como esposa. Necessitada e empobrecida, ela fez seu apelo para esta lei de Jeová e ele, Boaz, não falhou.

Redenção é a suprema atividade da graça de Deus, na qual todas as energias do Pai, do Filho e do Espírito Santo estão favoráveis. Há duas atividades de Deus: uma foi a criação, e a outra foi, e é, a redenção. O resultado da primeira atividade, a criação, foi prejudicado. Satanás veio e a corrompeu. Mas Deus já tinha outro plano: “Ele fez novamente um outro vaso, conforme pareceu bem ao oleiro fazer.” – isto é, a redenção. Para criar, Ele teve apenas de falar; mas, para redimir, Ele teve de derramar sangue. E Ele estava desejando fazer isto, apesar de que fazê-lo envolvia um grande custo para Si. Isso foi pura graça de Sua parte. Graça é definida no dicionário como uma “dádiva não reivindicável como direito.” O homem não tinha direito algum de esperar ser redimido. Mas Deus o fez, e os anjos se maravilharam.

Normalmente definimos “redenção” como perdão de pecados, conforme Efésios 1:7, que diz: “no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados,...”. Graças a Deus, “redenção” inclui perdão de pecados. Mas, se à palavra “redenção” no Novo Testamento, você acrescenta as associações do Antigo Testamento, no qual ela é baseada, você descobrirá que há algo muito maior do que apenas o perdão de pecados. Redenção é a atividade da graça de Deus que não apenas perdoa o pecado do homem, mas também restaura e rege sobre toda a perda ocasionada pelo seu pecado. E quanta perda temos ocasionado a nós mesmos por causa da nossa loucura, pecado e orgulho. Perdemos nossa experiência de bênção – onde está a bênção que experimentei logo que conheci o Senhor? Perdemos nosso alegre relacionamento com os outros, em casa, na igreja, pelo mundo afora e colocamos as pessoas contra nós. Cometemos erros e fazemos escolhas erradas por causa da vontade própria, e nos achamos em dolorosas e

complicadas situações como resultado disso.

Mas fracasso com Deus nunca é final. Jesus Cristo é resgatador de homens perdidos e situações perdidas, não importando se a situação tem estado errada por metade de uma vida, ou apenas por um dia. E quando age para redimir, Ele não apenas perdoa os pecados que confessamos, mas também assume controle de toda situação na qual nos metemos a nós mesmos. E Ele faz isso com estilo! Deus frequentemente devolve ao homem muito mais do que aquilo que este tenha perdido, de tal forma que o homem não precisa mais continuar culpando a si mesmo e, sim, deter-se em admiração, amor e louvor por toda a graça que foi dada a um pobre fracassado como ele.

Oh!, esse grande e maravilhoso Deus da redenção!

O mais amplo significado que vejo nesta palavra redenção não é diferente do significado daquela outra palavra importante começada com “re”, reavivamento. “Re”, é o prefixo latino que significa “novamente”. As palavras que na Bíblia começam assim me fascinam, porque elas sempre falam da graça de Deus restaurando, renovando regenerando, reavivando... Deus fazendo alguma coisa novamente, depois de o homem haver destruído. Finney diz que reavivamento não é nada mais que uma série de novos começos – Deus fazendo alguma coisa novamente e, se dá errado, Ele torna a fazê-la novamente.

Redenção e Reavivamento são verdades das quais o livro de Rute contém um quadro muito especial.

CAPÍTULO 2

NOEMI, A FILHA PRÓDIGA ANTIGO TESTAMENTO

“Cheia eu parti, porém o Senhor me fez voltar vazia.”



primeiro capítulo do livro de Rute é muito importante. Todo pregador sabe, ou deveria saber, que deve começar despertando uma sensação de necessidade em seus ouvintes. Ele não pode passar muito rapidamente para o lado positivo de sua mensagem. Ele precisa primeiro convencer as pessoas de que elas estão num estado de necessidade que requer a provisão da qual ele se propõe a falar.

Assim também, antes de entrarmos no assunto da redenção no livro de Rute, observamos uma história de problema e perda que vai gerar a necessidade de alguém que possa redimir. É disso que todo o capítulo um fala.

Embora o título do livro seja Rute, a personagem principal do primeiro capítulo é Noemi, a qual eu penso que podemos definir como a filha pródiga do Antigo Testamento. Conforme prosseguimos na história, podemos perceber certas semelhanças entre ela e o filho pródigo da parábola de nosso Senhor no Novo Testamento. Aquele filho quando retornou, bem poderia ter usado as mesmas palavras que Noemi usou: “Cheia eu saí, mas o Senhor me fez voltar vazia.” Na verdade, ele não precisaria permanecer vazio; nem ele, nem Noemi, e é sobre isso que falam os capítulos seguintes do livro de Rute.

Somos apresentados a uma feliz família israelita. O nome do pai era Elimeleque, que em hebraico quer dizer: “Deus é Rei.” Eles moravam em uma pequena cidade chamada Belém, que quer dizer: “Casa do pão” e, sem dúvida, era assim chamada por descrever precisamente a sua condição. Estava localizada em uma área rural em que os campos eram férteis, onde não havia falta de nada. O nome de sua mulher era Noemi, que em hebraico significa “agradável”, e era apropriado que este fosse o seu nome em tal situação, porque assim era ela. Eles tinham dois filhos, chamados Malom e Quiliom.

Estudiosos do hebraico parecem divergir no significado destes dois nomes, de forma que escolhi o ponto de vista que parece mais de acordo com a mensagem que desejo trazer. Malom, de acordo com o livro de referência, significa “canção”, e Quiliom significa “completo”. Se tomarmos esses nomes como descrição da sua condição, que família temos aqui! Deus era seu Rei, eles moravam na casa do pão, tinham uma experiência agradável de vida, canção frequentemente enchia seus lábios, e havia um senso de plenitude.

Quer você pense que seja fantasioso ou não, certamente isso nos dá um quadro do que a vida em Cristo deve ser. Se viemos ao conhecimento do Senhor Jesus, Deus deve ser o nosso Rei, dirigindo-nos em todas as coisas. E quando Ele faz isso, achamo-nos vivendo numa “casa do pão”, porque Jesus disse: “Aquele que vem a mim, jamais terá fome, e aquele que crê em mim, jamais terá sede”, e isso

significa real satisfação. Neste caso, nossa experiência pode ser chamada de agradável, pois da sabedoria se diz: “Os seus caminhos são deliciosos, e todas as suas veredas, paz.” (Provérbios 3:17)

Isto não significa que as nossas situações sempre serão fáceis, mas mesmo no meio delas, podemos ter paz e estarmos felizes. Nossa é a experiência de Malom com cânticos de louvor a Ele, que vem ao encontro de nossas necessidades, e a experiência de vida em Cristo de Quiliom, sendo completa e plena. Esta é a intenção de Deus para a vida de quem permite que Ele governe como Rei.

Mas aqui nesta história, conta-se que houve um dia em que veio fome sobre a terra, especialmente em Belém de Judá. As chuvas, ao que parece, cessaram de vir em sua estação usual, e provavelmente não só por um ano, mas por vários. Como resultado, as ceifas cessaram e veio uma terrível fome sobre o lugar. Poderia haver fome na “casa do pão?” Certamente não, mas assim aconteceu. Era exatamente o contrário do que se poderia esperar, uma expressa negação do próprio nome “Belém”.

Deus não havia dito acerca da terra prometida, que ela seria uma terra de leite e mel, na qual Seu povo comeria pão sem escassez? De fato Ele disse, mas Ele também disse em várias ocasiões que, se o Seu povo, que se chamava pelo Seu nome se desviasse dele, adorando outros deuses, transgredindo Suas leis, sem querer se arrepender, Ele poderia muito bem achar necessário fechar os céus para que não houvesse chuva e até ordenar a gafanhotos para devorar a terra, ou ainda enviar a peste entre o Seu povo.

Infelizmente, esse também é um quadro do que às vezes acontece na vida do cristão. Há uma terra de leite e mel para ele, mas se ele se desviar do Senhor seu Deus, em um ou outro ponto, não aceitar a palavra de correção que Deus certamente lhe está enviando, o Senhor muitas vezes acha necessário para a restauração daquele santo, fechar o céu sobre a sua cabeça para que não haja chuva.

A ação vivificante do Espírito não é mais sentida em seu coração, a Bíblia torna-se morta, a oração vazia, o testemunho pessoal e o serviço cristão são meras tarefas e ele cessa de dar um alegre testemunho. Que terrível possibilidade, o haver tal fome em nossas almas! Amós fala sobre uma fome “não de pão, nem sede de água; mas

de ouvir as palavras do Senhor” (Amós 8:11). Esta é, de fato, a fome: quando cessamos de ouvir os céus ... e quem não conhece tais períodos?! Tudo isso pode acontecer na “casa do pão”.

Mas Deus também disse que se o Seu povo que se chama pelo Seu nome, se achasse nessa situação, deveria se humilhar e orar, buscar Sua face e arrepender-se dos seus maus caminhos, e Ele ouviria dos céus, perdoaria seus pecados e sararia a sua terra. Isto é o que Elimeleque deveria ter feito quando se achou no meio desta fome. Sem dúvida, ele era um líder na cidade e deveria ter permanecido onde estava e liderado o povo em dias de humilhação e oração diante de Deus. Ele deveria ser um daqueles que buscam a face de Deus para saber porque Ele havia fechado os céus, e procurar acertar aquilo que Deus mostrasse que estava errado. Se ele tivesse feito isso, não há dúvidas de que Deus teria sido gracioso e teria ouvido dos céus e sarado a terra. Mas ele não fez assim, ao contrário, ele achou outro caminho para sair. Na terra de Moabe, a nação gentílica pagã vizinha, parecia não haver fome alguma: seus campos estavam verdes e férteis. Assim, em vez de permanecer onde estava e acertar as coisas com Deus juntamente com os outros, ele reuniu sua pequena família e foi para aquela outra terra, estando certo de que lá seria melhor para ele. Fazendo assim, ele deixou aquela terra preciosa na qual estava a sua família, desde que foram repartidas as terras nos dias de Josué.

Não é claro pela narrativa se ele havia vendido a terra naquele tempo; provavelmente não, porque somos informados de que ele foi apenas por uma temporada. Sem dúvida, ele falou a seus amigos: “Estou indo apenas por pouco tempo, por uma temporada; estarei de volta em breve.”

Foi uma longa temporada. Ele nunca voltou, nem seus filhos, e quando, finalmente, Noemi retornou, dez longos anos haviam passado. Durante esse tempo, as terras da família haviam permanecido descuidadas e se tornado em mato, com a própria casa da família caindo em completo desuso.

É isto exatamente o que fazemos. Quando estamos em tempos de fome, em vez de buscar a face do Senhor para sabermos porque estamos neste estado, tão frios de coração, e tão fora de contato com Deus, olhamos para outros campos, campos do mundo, e colocamos

neles nosso coração. Usei a palavra “mundo” no sentido em que o apóstolo João usa, quando diz: “Não ameis o mundo...” (1 João 2:15) significando, não o mundo físico ou natural, mas a sociedade humana organizada à parte de Deus, e a amizade com o mundo que, quer seja ostensivamente mau ou não, é inimigo de Deus. (Tiago 4:4)

Eis a razão porque alguns cristãos voltam para o mundo em maior ou menor escala – não porque o mundo seja tão atraente – mas porque Belém tornou-se muito seca. Jesus não é mais real. Eles sentem que deve haver uma pitada de graça na vida, um pouco de alegria, alguma coisa para ocupar o seu tempo.

Parece-lhes que não há nada entre os santos que lhes seja atraente, pois tudo ali lhes parece morte. Mas, de quem é a culpa? Poderia ser que você estivesse morto e seco, e não os santos? De quem é a culpa quando Aquele que é a alegria deles se tornou para você tão enfadonho que seu coração está agora colocado nos campos de Moabe? De fato, é sua culpa, nossa culpa... Mas, em vez de enfrentarmos isso e nos voltarmos para a fonte de alegria, partimos, como fez o filho pródigo e, como Noemi, para uma terra distante e ali achamos algum substituto para aquilo que perdemos. E, fazendo assim, abandonamos nossa preciosa herança de alegria e liberdade em Jesus Cristo. Apartamo-nos Daquele com O qual somos possuidores de todas as coisas boas, e somente nos achamos envolvidos em uma série de novos problemas.

Enquanto isso, nossa herança em Cristo permanece abandonada e não usufruída. Dizemos a nós mesmos que essas excursões aos campos de Moabe são apenas por um curto período de tempo, apenas por uma temporada, apenas um pequeno rebaixamento nos padrões de nossa consagração a Deus, com o objetivo de aproveitar aquilo que o mundo tem a oferecer. Mas você sabe, aquele pouco tempo, nem sempre é pouco tempo. Você pode estar lá até hoje, tendo abandonado a alegria de seus campos outrora frutíferos.

A MÃO DE DISCIPLINA DE DEUS

Se permanecermos na terra distante, certamente Deus não deixará de usar os meios para nos trazer de volta. Para Noemi, não se passaram muitos anos na terra de Moabe antes que Deus começasse a trabalhar

para trazê-la de volta, tal o Seu amor por ela. Noemi é agora o nosso objeto de atenção, mais do que Elimeleque; e nosso interesse à partir de agora é o seu retorno. Ela retornou apenas porque Deus usou duas coisas que a levaram a arrependê-la da decisão errada de sua família. Primeiro, Ele colocou Sua mão de disciplina sobre a família dela, e ela perdeu seu marido Elimeleque. Apesar desse sopro doloroso, ela sentiu que ainda tinha ganhadores de pão na pessoa de seus dois filhos – até que Deus os levou também. Aí ela ficou desamparada de fato; destituída de seu marido e de seus dois filhos, sozinha no mundo, em uma terra à qual ela não pertencia, com duas noras moabitãs com as quais ela não tinha nenhum laço de sangue ou vínculo de raça, a não ser o fato de que elas haviam se casado com seus filhos. Deus havia tornado sua vida naquela terra amarga demais para ela. Ela mesma definiu assim: “Não me chameis Noemi (agradável), chamai-me Mara (amarga), porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso.” (Rute 1:20)

O amor de Deus por nós é tão grande que, tão logo nos apartamos Dele, começa Seu trabalho para nos trazer de volta. E o que Ele usa para trazer-nos de volta é a Sua disciplina, as perdas que Ele permite que venham sobre nós.

Em primeiro lugar, Elimeleque morre; ou seja, Deus deixa de ser Senhor em nossas vidas. Esta é, de fato, uma perda, apesar de que, de início, parecemos não perceber e preferimos seguir adiante em nosso próprio caminho, em vez de no caminho Dele. Mas aí descobrimos que Malom e Quiliom morrem – perdemos nosso cântico e nosso sentido de plenitude na vida, e somos deixados como apenas uma pálida memória dos dias em que costumávamos nos regozijar. Algumas vezes, Ele põe a mão em alguns dos nossos negócios para assegurar que percebamos que Ele está lidando conosco; Ele permite que passemos por toda sorte de situações graves e difíceis, e nós nos tornamos cristãos amargos.

Todavia, deixe-me dizer enfaticamente que essas experiências não devem ser consideradas como castigo. Elas são sempre, e em todo o tempo, restauradoras em sua intenção, em vez de punitivas. Seja o que for que um homem sofra, não importa quão doloroso ou terrível, nunca deve ser considerado como castigo pelo pecado, pela simples razão de que nunca é suficientemente severo para ser assim considerado. O único castigo adequado para o pecado é o que Jesus sofreu em Seu corpo na

cruz por nós. Ali, e apenas ali, vemos a devida recompensa para o nosso pecado. O que nos sobrevêm, é designado para trazer-nos de volta para Deus, que nos ama, ao causar em nós arrependimento de nossas escolhas erradas e tornando a terra distante menos atraente para permanecermos nela. Em tudo, é o amor de Deus trabalhando para a nossa restauração.

Devo fazer uma pausa aqui para ampliar e qualificar tudo isso, com medo de que possamos ainda interpretar mal a maneira de Deus lidar conosco. Digo “ainda interpretar mal”, porque esta é a coisa mais natural para fazermos. Uma consciência culpada, sempre faz com que o homem sinta que Deus está contra ele, e que qualquer coisa adversa que lhe acontece é uma espécie de castigo. Isso não é assim. Precisamos levar a sério aquela palavra: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.” (2 Coríntios 5:19)

Note especialmente esta última frase. Qualquer que seja o significado desta ou daquela adversidade, não pode de forma alguma significar que Deus nos está imputando nossas transgressões, porque Ele já as imputou a Jesus Cristo na cruz. “Em todas as suas adversidades, Ele não foi adversário.” (Isaías 63:9) É simplesmente o amor de Deus aplicado em restaurar-nos. Por esta razão evitei usar a palavra “castigo”, que é usada em Hebreus 12, porque, a despeito de tudo o que alguém poderia dizer, a idéia de punição ainda persiste em nossas mentes quando essa palavra é usada. Preferi usar a palavra “disciplina”, mas também nela, nossos corações temerosos podem pensar em possíveis motivos de culpa.

Mas a palavra “disciplina” e “discípulo” significam apenas “ser ensinado”. Assim, quando estamos em períodos de adversidade material ou espiritual, não deveríamos perguntar porque isto está nos acontecendo, mas, sim, o que Deus está nos ensinando através disso. E descobriremos que, invariavelmente, é com relação a áreas em que necessitamos ser restaurados, mas para as quais nós, possivelmente, temos estado cegos.

Isto pode ajudar aqueles que têm andado tão obediência com Deus quanto sabem, e dos quais dificilmente pode ser dito que foram a alguma terra de Moabe, e mesmo assim, Deus parece estar

provando-os. Eu diria que tais provas são restauradoras em suas intenções.

Nenhum de nós percebe o quanto foi perdido na queda de Adão, nem quanto a imagem de Deus foi desfigurada em nós. Nenhum de nós percebe completamente a extensão do reinado do “eu”. Mas Deus, entretanto, o percebe, e está engajado numa inflexível operação de recuperação em todos nós, uma operação que não é trabalho de um dia. Ela começa com a nossa experiência de novo nascimento e continua pelo resto de nossas vidas. Ele estará sempre trabalhando para restaurar-nos para Ele em novas áreas, onde o “eu” tenha conhecido pouca ou nenhuma entrega. Provas e perdas são designadas para, ao menos, dar-nos oportunidade para tal renúncia.

Essa entrega do “eu” não é necessária apenas por causa da queda. Era a ordem do dia, mesmo antes da queda. Alguém já disse: “Uma experiência da cruz, é quando a vontade de Deus crucifica a nossa e nós nos submetemos a Deus.” Mesmo antes que o pecado viesse, Adão foi chamado para andar dessa forma. É concebível que Deus freqüentemente tenha pedido a Adão para fazer alguma coisa que crucificaria seu desejo natural, por exemplo, levantar-se e fazer alguma tarefa, quando cada fibra de seu corpo estava lhe ordenando para descansar e dormir. A total essência do relacionamento com Deus antes da queda é que ali não havia nenhum “apego ao eu” em Adão, que em tal caso teria imediata e alegremente renunciado ao que desejava fazer com o fim de fazer a vontade de Deus, e apenas estar agradecido pela oportunidade de fazer tal renúncia para Aquele a quem ele amava.

Quando o homem caiu, significou apenas que ele se recusou a fazer tal coisa e, deste modo, adquiriu para si mesmo uma tendência natural para continuar se recusando. O resultado foi que qualquer coisa inconveniente que ele foi solicitado a fazer, ou qualquer coisa aparentemente adversa que a Providência permitia que acontecesse foi resistida e ressentida e não admitida como vontade de Deus. E todos os seus descendentes herdaram essa tendência natural para o egocentrismo (Paulo em seus escritos chama a isso de “a carne”) e eles agem e reagem da mesma forma que seu pai o fez.

Provas e perdas não são, portanto, apenas designadas a causarem arrependimento em Noemi pelo fato de terem entrado na terra

de Moabe, mas também para dar até ao servo de Deus mais obediente a oportunidade de entregar a Ele sua tendência natural para si mesmo, e assim conhecer mais sobre aquele relacionamento com Deus, no qual, repito, a entrega do “eu” tem sido sempre a ordem do dia. Eu digo “o mais obediente servo de Deus”, mas quão imediatamente obediente é qualquer um de nós? Como filhos do Adão caído, nossa entrega para Deus de alguma nova questão tem de começar invariavelmente com a confissão de que nossa primeira reação não foi entregar e, provavelmente, nem a segunda, nem a terceira...

BOAS NOVAS DE CASA

Devemos agora retornar desta digressão importante para a história que está diante de nós. Deus usou uma segunda coisa para trazer Noemi de volta a Belém. Foram novas de restauração vindas de casa. Ela ouviu na terra de Moabe que o Senhor havia visitado o Seu povo, dando-lhe pão. Vieram notícias de que a fome havia passado, as chuvas caíram, os campos estavam cheios de cereal novamente e o povo estava se regozijando. Que quadro de reavivamento! Isto só podia significar que algumas pessoas em sua terra estavam se arrependendo. Talvez um ou dois profetas teriam estado falando a eles em nome do Senhor o que havia estado errado e o povo reagira, e Deus havia sido gracioso e sarado a sua terra. Tais notícias chegando a Noemi em sua pobreza e miséria, obviamente foram calculadas para fazê-la voltar para casa. Foi assim com o filho pródigo no Novo Testamento. O pensamento de que na casa do pai havia fartura até para os criados, foi o fator principal para tornar a trazê-lo para casa.

Talvez Noemi e Elimeleque estavam certos em dizer que as coisas estavam tão secas em Belém; talvez você também esteja certo ao dizer o mesmo acerca dos santos. Mas Deus permite que você ouça na sua terra de Moabe que as coisas não estão mais secas entre eles, que Deus tem agido ali num reavivamento, que alguns deles têm se arrependido e visto a Jesus novamente, e que há uma renovação de amor entre eles; às vezes uma Noemi moderna encontrará um cristão que está radiante e deseja compartilhar sua alegria com ela, em sua miséria. Aquele cristão, sem dúvida se apressará a dizer: “Mas não tem sido sempre assim comigo; até recentemente havia fome em minha

alma e eu estava em meio a uma situação de miséria também. Mas Deus me socorreu, fazendo-me ir à cruz novamente, e todas as coisas se fizeram novas.” Tal testemunho não pode ter senão um estranho efeito em quem o ouve, o qual começa a dizer: “Se Deus pode fazer por ele, Ele também pode fazer algo por mim”. E outra Noemi está desejosa de começar o seu caminho de volta para casa.

Para Noemi não era apenas uma questão de tomar o caminho de volta como se não tivesse havido nada de errado naquilo que havia feito. Sob influência da disciplina de Deus e das notícias de restauração em seu lugar, Noemi, em primeiro lugar, se arrependeu de ter deixado Belém. É fato que ela se arrependeu (claro pelo modo que fala sobre isso). Em um lugar deste capítulo, ela fala: “A mão do Senhor tem se levantado contra mim” e, em outro: “O Todo-Poderoso tem me dado grande amargura” e, ainda em outro: “O Todo-Poderoso me tem afligido.” Não há espírito de lamentação nestas palavras; apenas um gracioso e humilde reconhecimento de que ela havia sofrido sob a mão de Deus e que havia aprendido a lição.

O caminho do arrependimento é o caminho de volta para Deus e de bênção para nós. Não é apenas tentar prosseguir de onde nós tropeçamos, o que poderia ser um substituto para o arrependimento. Arrependimento é justificarmos a Deus; é reconhecermos que temos sofrido sob Sua mão, que Ele tem sido justo em nos afligir e que nós não temos nenhuma queixa. É o reconhecimento de que naqueles pontos que Ele nos mostra, Ele está certo e nós, errados. E é fazer tudo isso ao pé da cruz, onde o Justo morreu pelos injustos para trazer-nos a Deus. Ali nós podemos suportar sermos os errados, pois:

Ali o favor é grande

E a graça é gratuita

Ali o perdão é multiplicado para mim

Ali a minha alma sobrecarregada acha descanso

Ali no Calvário

ELA RETORNOU PARA CASA

Chegamos agora ao que vejo ser o ponto principal do primeiro capítulo do livro de Rute, e que remete aos capítulos que seguem. Noemi retornou para nada. Ela mesma disse: “Cheia eu sai, mas o

Senhor me fez retornar vazia.” Ela saiu, com certeza, com algum dinheiro, e voltou sem nenhum. Saiu com seu marido e dois filhos, voltou sem eles. Quando voltou, descobriu que suas contemporâneas ainda possuíam seus maridos e filhos consigo, e estavam rodeadas de netos. Mas Noemi voltou sem nenhum destes; sua mais brilhante esperança para o futuro ficou enterrada em Moabe. Tudo o que retornou com ela foi uma nora gentia, de cuja aceitação pelo seu povo ela não estava muito certa. Acima de tudo, ela voltou para uma situação na qual estava sem terra.

Em minha primeira leitura, pensei que Elimeleque deveria ter vendido as terras de sua família quando partiu de Belém, porque esta é a história sobre como elas foram redimidas. A discussão na porta de Belém, mencionada no capítulo 4, é toda concernente a quem iria redimir as terras de Noemi, Boaz, ou outro resgatador, e o uso da palavra “redimir” implica em que elas haviam sido vendidas. Mas no verso 3, Boaz diz: “Aquela parte da terra que foi de Elimeleque, nosso irmão, Noemi, que veio da terra de Moabe, as tem para venda.”

Podemos, assim, deduzir que aquela terra não tinha sido de fato vendida antes de eles irem; ela ainda estava lá, mas abandonada por 10 anos, com a velha casa da fazenda arruinada. Ela retornou sem nenhum homem para trabalhar na fazenda. Obviamente, uma das primeiras coisas que ela teria de fazer seria vender sua terra para quem melhor pagasse por ela. Com efeito, podemos considerar aquela terra como virtualmente vendida e, por isso, o uso da palavra “redimir” não é inapropriado. Vender as terras da família, era o que toda a família hebréia considerava sua mais preciosa possessão. A única coisa que toda a família desejaria fazer seria assegurar suas terras para as futuras gerações. Nesse caso, porém, parecia não haver nenhuma futura geração para o nome de Elimeleque, pelo fato de sua nora ser uma viúva sem filhos. Assim, a terra iria sair da família e o próprio nome da família se tornaria extinto. Se havia candidatas à provisão da redenção em Israel, estas eram Noemi e Rute, apesar de que, à primeira vista, elas não estavam a par de tais possibilidades.

E esta é exatamente a nossa situação. Quando retornamos para Deus, retornamos sem nada, e, eu diria, para nada. Também diríamos:

“Eu saí cheio, e o Senhor me fez voltar vazio.” Tão vazio que não há nada que possamos fazer para recuperar nossa herança perdida.

É exatamente esta a situação defrontada no verso de Mateus 16:26: “Pois que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma, ou que dará em troca de sua alma?”

Isto é tão conhecido que, talvez tenhamos perdido ao menos parte de seu significado. Há duas questões aqui: Primeira, que aproveita ao homem se, para ganhar o que o mundo tem para oferecer, ele perder sua própria alma, ou seja, perder seu relacionamento com Deus? E a resposta implícita, é: de nada lhe aproveitará, ele é um total perdedor.

Aí, vem a outra questão: Tendo feito isto, o que ele pode fazer agora para retomá-la, para desfazer a transação? E a resposta implícita é óbvia: ele não pode fazer nada; o que foi feito não pode ser desfeito. Poderia o seu zelo não conhecer descanso, poderiam suas lágrimas correr para sempre, não há o que ele possa fazer para expiar o pecado cometido e recuperar o que tão frivolamente e barato vendeu. Em outras palavras, o efeito do pecado e da loucura em nossa vida são irrecuperáveis à parte da graça de Deus. Estando nós manchados com culpa, o que podemos fazer para recuperar a paz? Havendo embaraçado as coisas, que podemos fazer para restaurá-las? E a resposta, (se nós podemos suportá-la) é, não podemos fazer nada!

Temos capacidade ilimitada de cometer pecados. Que gigantes somos nós neste reino, se escolhermos sê-los! Mas não temos nenhum poder para expiar por eles ou para desfazer os efeitos em nós mesmos e em nossa situação, uma vez feito. Algumas vezes pensamos que se conseguirmos nos tornar cristãos melhores e sermos melhores para nossos semelhantes, isso restaurará as coisas. Mas, quanto a mim, percebo que, no momento em que sinto que tenho de me tornar um pouco melhor, sou derrotado antes de começar, pois sei, por experiência, que é o tornar-me um pouco melhor que sempre me derrota. E assim, temos de voltar, mas como Noemi e Rute, voltar vazios.

Mas, coragem! Apesar de Rute e Noemi terem retornado vazias, elas não permaneceram vazias! É sobre isso que a história fala: como o vazio pode tornar-se cheio! E isto foi possível porque lá, de volta para casa, havia um que era o seu resgatador. E você também não irá

permanecer vazio! Ao tornar para Deus como um pecador, vazio, dizendo: “Estou completamente errado... sou o único culpado”, você torna-se candidato à graciosa provisão Daquela que tem o direito de redimir todas as coisas, seu Resgatador.

RUTE, A CONVERTIDA

Há uma questão importante, na qual Noemi, a filha pródiga do Antigo Testamento, difere do seu correspondente no Novo Testamento – quando retornou de sua terra distante, ela trouxe outra pessoa consigo.. muito freqüentemente, quando alguns se afastam de Deus, levam outros consigo; mas algumas vezes acontece que, quando se arrependem e tornam para o Senhor, os outros são induzidos a fazer o mesmo e retornar com eles. Isto certamente era verdade no caso de Noemi. Ela trouxe Rute consigo; não apenas como alguém que queria ser naturalizada hebréia, mas como prosélita, pois Rute não apenas disse: “O teu povo é o meu povo”, mas, o mais importante: “O teu Deus é o meu Deus”. O que é isto, se não uma conversão no Antigo Testamento?

Esta escolha de Rute foi extraordinária, porque tudo que Rute conhecia sobre o Deus de Noemi, era que Ele, ao que parecia, era o causador de todos os problemas que vieram sobre ela. E isto não era muito para atrair uma jovem gentia a Ele. Talvez fosse esse pensamento que estivesse por trás das palavras de Noemi, quando disse: “Porque por vossa causa a mim me amarga ter o Senhor descarregado a Sua mão contra mim”. Talvez ela estivesse ansiando pela conversão de suas duas noras e estivesse desejando que elas vissem quão boa e misericordiosa era a lei de Jeová, de modo que elas também O escolhessem. Mas agora ela temia que com tudo aquilo que elas tinham visto acontecer (e elas tinham também sofrido esse processo, perdendo seus maridos), as apartaria para sempre. Mas não houve tal efeito em Rute. Apesar de tudo, ela disse: “O teu Deus é o meu Deus”.

O que a haveria induzido a fazer tal escolha? Sugiro que foi a visão de Noemi arrependendo-se diante do seu Deus e, imagino, recuperando a paz, ao fazê-lo. E enquanto ela ouvia e via, a sombra de Jeová caiu sobre a cena e ela viu que Ele era misericordioso e gracioso para com os pecadores. Pois, se ao se arrepender diante do Senhor, isso

implica em perdão e restauração para com Ele, por que não se arrepende? Num tribunal de justiça, via de regra, nenhum réu se arrepende (estive num júri e eu sei) pelo simples fato de que não há nada a ganhar; a justiça deve seguir seu curso independentemente do que o réu confesse. Por isso o réu geralmente se mantém de lábios fechados e na defensiva. Se, todavia, houvesse um tribunal que dispensasse favor aos criminosos que se confessassem culpados, em vez de justiça, haveria todo o incentivo para que eles fizessem confissões, e poderia haver uma grande corrida deles para lá.

Quando Rute viu sua sogra assumindo o papel de pecadora diante de Deus e ouviu-a fazendo confissão a Ele, começou a perceber as implicações de tudo isso; que o Deus de Noemi, Aquele a Quem ela chamava de Jeová, era misericordioso e gracioso para com os pecadores. Porque Noemi sabia que Ele era assim, ela estava se humilhando totalmente diante Dele. Esta era uma revelação do Seu caráter único a Israel, desde aquele dia no monte, quando Deus declarou Seu Nome a Moisés: “Jeová, Deus compassivo. Clemente e longânimo, grande em misericórdia... que perdoa a iniquidade e o pecado.”

Talvez até aquele momento, Rute havia sempre pensado no Deus de Noemi como o Deus das pessoas boas, pois Noemi sempre aparentara ser tão boa, sem defeito e, como Rute sabia que ela mesma não era assim, sentiu que não seria qualificada para tal Deus. Mas, a partir da hora em que viu sua sogra arrependendo-se como pecadora diante de Jeová, começou a ver que Ele era o Deus dos pecadores, Aquele que Se deleita em usar de misericórdia para com pessoas que têm estado erradas; então ela disse: “O teu Deus será o meu Deus, porque como pecadora eu estou qualificada.”

Isto, eu sugiro, é o que está por trás da escolha que Rute fez! Faz sentido para você?!

De qualquer forma, há alguma coisa aqui para nós, como cristãos. Queremos que o mundo veja Cristo em nós, e pensamos que o caminho é que eles vejam uma vida cristã impecável. Mas o único efeito da tentativa de fazer isto, é, freqüentemente, dar a impressão que o nosso é o Deus das pessoas boas”, pois aparentamos ser tão bons... isso não atrai pecadores, antes os desencoraja, porque eles sentem que não são tão bons para estarem à altura. Na verdade, não somos

realmente cristãos impecáveis... estamos apenas permitindo que as pessoas vejam determinadas porções de nossas vidas; outras partes de nossas vidas contariam uma outra história. Mas quando elas nos vêm arrependendo-nos e acertando as coisas, quando nos ouvem dando um testemunho de pecador, compartilhando o que o Senhor está fazendo por nós, fica claro para elas que o nosso, não é o Deus das pessoas boas, mas o Deus dos pecadores e, por isso, podem tê-Lo também. No silêncio que muitas vezes se segue a um custoso ato de arrependimento, surge em cena a sombra do Salvador dos pecadores, e os outros se sentem atraídos a Ele como nunca antes. Seremos de muito mais ajuda aos outros aos sermos quebrantados (isto é, ao tomarmos nosso lugar de pecadores) do que pregando a eles como de um pedestal. Quando vamos à cruz nós mesmos, podemos estar trazendo alguma preciosa Rute, filha de nossas lágrimas e arrependimento, a achar a mesma paz que temos. Estejamos certos, pois, que o testemunho que damos a outros, é o testemunho de pecadores, e assim eles verão o Deus da graça.

E assim, Noemi e Rute vieram a Belém juntas, ambas vazias, é verdade, mas elas não permaneceriam vazias, como veremos.

CAPÍTULO 3

BOAZ, O RESGATADOR

“Este homem é nosso parente chegado, e um dentre os nossos resgatadores”.



gora chegamos a Boaz, do qual tenho certeza que o Espírito Santo pretende nos mostrar como um tipo e prefiguração do Senhor Jesus. Quanto mais espero em Deus acerca dessas Escrituras, mais certo fico de que não é liberdade de pregador assim ver a Boaz e a posição que ele ocupa. É simplesmente um outro instante do estranho fenômeno que há em abundância nas Escrituras do Antigo Testamento, de tipos do Salvador que estava para vir. Nenhum de nós poderia ser mais ousado em apropriar-se de Escrituras do Antigo Testamento e aplicá-las a Cristo do que foram os

escritores do Novo Testamento. Somos, portanto, encorajados pelo seu exemplo, a olhar para Cristo aqui.

Noemi possuía um parente de seu marido, importante homem de bens, da família de Elimeleque, e seu nome era Boaz. Noemi, a pessoa mais pobre em Israel, tinha por parente um dos mais ricos homens da terra, apesar de que à primeira vista, não vemos nenhuma conexão entre este fato e sua grande necessidade.

Mas, como temos visto, o parente tinha, de acordo com a lei de Moisés, tanto o direito como a responsabilidade com relação ao parente empobrecido. De acordo com Levítico 25, ele tinha o direito de redimir para o seu irmão qualquer coisa de sua possessão que ele houvesse perdido e, de acordo com Deuteronômio 25, ele tinha responsabilidade, quando seu irmão tivesse morrido sem descendente, de tomar sua viúva como mulher para suscitar descendência em nome de seu irmão, para herdar a terra de seu irmão. Tal pessoa era conhecida no hebraico como “Goel”, para os seu parentes necessitados, como temos visto. Essa era a posição de Boaz, apesar de que ele não tinha visto a si mesmo como tal, com relação a Noemi e Rute. Elas, por sua vez, também não o tinham visto como “Goel”.

Certamente é impossível fugir à conclusão de que pretendemos ver neste “Goel” um tipo do Senhor Jesus, que “por incontáveis atos de misericórdia” através dos séculos tem se mostrado como Redentor de pecadores perdidos e Restaurador de situações sem esperança. Ele não fica chocado nem abalado pelo pecado humano e a confusão que este causa. Antes, quando lhe é permitido tomá-los sobre Si, Ele está em sua melhor posição nessas situações, sabendo que é o Goel para tais circunstâncias com os mais gloriosos resultados. Ele é especialista em lidar com o pecado, e Sua fama é grande na gloriosa restauração que Ele realiza nesta área.

Aqui entramos no âmago do ensino da Bíblia sobre redenção. É baseado nesta lei do Goel, o direito de redimir dado a um parente na carne. Redenção, desta forma, é uma palavra do Antigo Testamento, antes de ser do Novo Testamento. E a verdade do Novo Testamento é baseada e desenvolvida a partir disto que estamos considerando. É o fato de que o livro de Rute exemplifica tão perfeitamente esta lei que lhe confere tão especial importância.

O DIREITO DE REDIMIR

Para um homem redimir a outro, isto é, assumir o papel de Goel, três coisas eram necessárias. Primeiro, ele tinha de ser um parente próximo. Ninguém mais tinha o direito de insistir para que o comprador vendesse de volta as terras. Apesar de que no livro de Rute a palavra hebraica para parente é, na maioria da vezes, Goel, não é assim em todos os lugares. Em três lugares, palavras são usadas que significam apenas um simples laço familiar, sem nenhuma idéia de redenção. No verso em que Boaz é introduzido na história, “Noemi tinha um parente de seu marido”, a palavra usada não é Goel, é “Moda”. A mesma palavra é usada no capítulo 3, verso 2: “Não é Boaz um dos nossos parentes”, ou seja, não é Boaz nosso “moda”, nosso parente ligado por vínculos familiares? O terceiro lugar é no capítulo 2, verso 20, onde Noemi diz: “o homem é nosso parente chegado.” A palavra aqui é “KAROV”, que significa virtualmente o mesmo que “moda”, um parente próximo. Podemos colocar as coisas assim: Se um homem tivesse de ser um Goel para outro, ele teria de ser um moda primeiro.

Da mesma forma, se o Senhor Jesus vai redimir em favor dos pecadores e dos santos fracassados (o que eles perderam) Ele precisa adquirir o direito de fazê-lo tornando-se Seu Parente chegado, Seu Irmão. Isto é exatamente o que aconteceu quando o Verbo Eterno Se fez carne e habitou entre nós. Este é o significado da importante passagem de Hebreus 2:10-18, onde Jesus nos chama de irmãos e, para Se qualificar para isto, Ele participa de nossa humanidade. “Visto que os filhos têm participação comum de carne e sangue, deste também Ele igualmente participou”. Acredito que há aqui uma alusão à lei do Goel, porque a razão dada para Ele participar de carne e sangue e assim Se tornar nosso Irmão é, espiritualmente falando, estreitamente ligada com a obra de um Goel – “para que por sua morte, destruísse aquele que tinha o poder e assim Se tornar nosso Irmão é da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”. E assim Deus contra nós. E assim Deus contra nós. Isso significa que, pelo Seu sangue, Ele perdoa e purifica os pecados que causaram as situações e, ao fazê-lo, Ele toma a culpa do pecado pelos pecadores, o que é exatamente o que os atrai para Ele. Em outras palavras, a cruz O faz para os pecadores o Parente mais Próximo.

Um criminoso na prisão por causa de algum crime vergonhoso, poderia nos dizer: “Você me fala de Jesus sendo feito como nós em todas as coisas, mas eu não creio que Ele tenha sofrido o que eu estou sofrendo – a vergonha e a desgraça de haver feito o que fiz”. Você está errado! Isto é exatamente o que Ele sofreu. A vergonha e a desgraça do pecado é precisamente o que Ele experimentou na cruz – só que era a sua desgraça e pecado, e não a dele; e isto deve ter deixado tudo mais difícil para Ele suportar. Como resultado, você e qualquer outro pecador do mundo podem olhar para Jesus e dizer: “Tu és o meu Parente mais Próximo e, como tal, tens o direito de me redimir e à minha situação.”

Deve ter sido um momento maravilhoso para Noemi quando ela percebeu que aquele a quem ela sempre tinha conhecido como parente era, de fato, o seu Goel, um daqueles que tinha o direito de redimi-la. É maravilhoso também para nós, quando nos é revelado que no meio de situações em que só podemos culpar a nós mesmos, Jesus é o nosso Parente mais Próximo, não apenas nosso “moda”, mas nosso “Goel”, que tem o direito adquirido no Calvário, de redimir tudo o que nós perdemos.

O PODER DE REDIMIR

A segunda coisa necessária era que o parente de carne deveria ter o poder de redimir, isto é, os meios de fazê-lo. Uma coisa era ter o direito de redimir, outra era ter o poder de fazê-lo. Um Goel seria de pouca ajuda se fosse tão pobre quanto a pessoa que dele precisasse. Não era este o caso de Boaz. Ele era um dos maiores fazendeiros da área e um poderoso homem de bens. Ele não só tinha o direito de redimir mas também o poder para fazê-lo.

Temos visto que o Senhor Jesus adquiriu o direito de redimir e que Seu sangue garante o perdão e purificação de nossos pecados mas, teria Ele o poder de corrigir as conseqüências em si mesmas? Ele tem poder sobre a terra para perdoar pecados, mas tem Ele poder sobre a terra para tornar bons os resultados de nossos pecados? Por exemplo, a terrível sensação de culpa? A alegria desfeita? Os relacionamentos quebrados? A situação de dor e perda? Aqui a fé falha, quando vê tudo o que está envolvido e quando diabo nos diz continuamente que não há esperança de as coisas voltarem a ser as mesmas novamente. Podemos

crer em Cristo para o perdão dos nossos pecados, mas temos graves dúvidas às vezes sobre o que Ele pode fazer quanto aos seus resultados. Aqui Ele desafia nossas dúvidas quanto ao Seu poder nesta área, como Jeová teve de desafiar as dúvidas de Israel em Isaías 50:2: “Acaso se encolheu tanto a minha mão que já não pode remir ou já não há força em mim para livrar?”

Foi triste que Israel tivesse ido para o cativeiro por causa do seu pecado, mas foi ainda mais triste que, tendo chegado lá, eles não tenham visto que Jeová era o Seu Parente, seu “Goel”, e não tenham crido que Sua mão ainda tivesse poder para redimi-los de suas desolações. Tanto que temos estas maravilhosas profecias positivas em Isaías, Jeremias e outros profetas, falando ao povo sobre a gloriosa restauração que um dia ocorreria, e lhes assegurando que Jeová era o Seu Redentor, o Seu Goel, e como está escrito: “O seu Redentor é forte, certamente pleiteará a sua causa.” (Jeremias 50:34). De fato, a redenção da Babilônia é profetizada antes mesmo que tivessem ido para lá, e nos mais brilhantes termos! A restauração da cidade arruinada e do templo é predita antes mesmo que tivessem se tornado em ruínas! Tal é a extensão em que a graça antecede o pecado no caso de Israel! Que coisa perturbadora deve ter sido para eles aprenderem que Jeová, contra Quem eles tinham pecado, e sob Sua mão tinham sofrido tantas disciplinas não era outro senão Seu Parente mais Próximo, empenhado na Sua derradeira redenção de tudo isso.

De maneira semelhante, conosco, a graça antecede o pecado e o nosso parente mais próximo é “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”, tendo Deus antecipado nEle todas as nossas situações de perda, antes mesmo que elas tivessem surgido. Portanto, o poder de Sua destra é totalmente capaz de fazer novas todas as coisas. O fato é que redimir o que o homem tem perdido é a área onde Jesus excede. Como dissemos anteriormente, é aqui que Ele está no Seu melhor. Ele é o Divino Oleiro que não Se desespera quando vê que o vaso se desfigura em Suas mãos, mas faz novamente outro vaso, conforme parece bem ao Oleiro fazer. E é maravilhoso contemplar o belo e novo vaso que Ele faz por último, a partir da desfigurada confusão que nós lhe apresentamos.

Estas palavras são de fato verdadeiras, mas com uma condição –

que aquele que está no meio do problema se arrependa e admita que ele mesmo é o real problema, e que ele causou ou contribuiu para os outros problemas. Quando ele faz isso, seu pecado nesta questão é inteiramente perdoado e a confusão que causou não é mais de sua responsabilidade, mas do Senhor, e ele pode descansar nas Suas mãos. E então, isto se torna matéria prima a partir da qual Ele mostra o Seu poder para fazer uma coisa nova. Se Ele não é capaz de fazer isto, que tipo de Salvador nós temos?

O DESEJO DE REDIMIR

Para que um Goel fosse redimir a outro, uma terceira coisa era necessária. Ele teria não somente de ser parente carnal e de ter condições de redimir, mas também tinha de ter o desejo de fazê-lo. Foi o caso do parente mais próximo mencionado no capítulo 4. Era um que tinha um vínculo familiar mais próximo da família de Elimeleque do que Boaz e teria, por isso, a prioridade em executar essa tarefa. A princípio, ele estava bastante desejoso de redimir a terra, mas quando entendeu que isso significaria também tomar a Rute como sua esposa para suscitar descendência a Malom, ele recuou. Ele não estava certo de querer tomar essa jovem estrangeira; provavelmente ele já teria uma esposa, e duas mulheres seria mais do que ele poderia cogitar. Ele tinha o direito e o poder, mas não tinha o desejo. Não foi assim com Boaz; ele estava mais do que desejoso. O fato de tomar Rute como sua esposa fazer parte do pacote da negociação era a principal atração para ele. É bastante claro na história que ele acabou perdendo seu coração por esta jovem gentia que ele encontrou pela primeira vez como rebuscadora em seus campos.

E o Senhor Jesus não tem apenas o direito e o poder de redimir, mas também o desejo. Ele está mais do que desejoso pela mesma razão que Boaz o estava, porque perdeu Seu coração por você. Ele não está apenas interessado em restaurar o que você perdeu, em resolver os seus problemas e torná-lo feliz novamente, mas em ter você. Isto é o que faz todo o assunto da Redenção tão atraente para Ele: possuir você! Ele... “a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos... para si mesmo um povo exclusivamente seu...” (Tito 2:14). Pode você crer nisso? Você tocou tanto o Seu coração que é grande atração para Ele. E o fato de ser

tão amado e desejado certamente o atrai para Ele e o incentiva a orar: “Estende a borda do teu manto sobre mim porque tu és o meu parente mais próximo”.

Já mencionei que a palavra Goel, aqui traduzida como parente mais próximo, é traduzida em outros lugares como Redentor (de fato, a palavra e o verbo correspondente aparecem assim traduzidas 62 vezes no Antigo Testamento), e é o título com que Jeová proclama a Si mesmo com relação ao Seu povo Israel. Isto é assim particularmente na profecia em Isaías. Várias vezes Jeová se refere a Si mesmo para com Israel como Seu Redentor e Santo de Israel. A coisa interessante, porém, é que a palavra não ocorre em Isaías antes do capítulo 40; mas, depois deste capítulo, ela ocorre em grande profusão. A razão parece ser que até o capítulo 40, o tema é o do julgamento e do cativo que o pecado do povo e sua recusa de voltar para o Senhor tornavam inevitáveis. Do capítulo 40 em diante, o julgamento não é visto como futuro, mas como tendo já vindo; e o povo é visto como já estando no cativo.

Imediatamente Deus “muda o Seu tom”, se assim podemos dizer, e fala apenas da graça que virá a eles na sua necessidade, e a gloriosa restauração que há para eles e para sua terra. É como se Ele dissesse: “Basta, não contenderei para sempre, nem estarei para sempre irado”. E então Ele começa a revelar-Se como seu Goel, seu Redentor, e lhes diz que, apesar de lhes ter sobrevivido mal sobre mal, Ele ainda os resgatará. Ele está dizendo: “Tudo deu errado para vocês, por causa do seu pecado mas, e daí?” “Acaso se encolheu tanto a Minha mão, que já não pode remir, ou já não há força em Mim para livrar?”

Imagino aqueles que escutam essa mensagem dizendo surpresos: “Sempre soubemos que Tu poderias remir, mas nunca pensamos que Tu o farias, pois tudo tem acontecido por nossa própria culpa.” Em resposta, Jeová parece dizer: “Eu Sou o Goel, o teu Redentor para situações tais como esta.”

Menciono este ponto, porque apenas quando as coisas deram errado, até quando foram de mal a pior, é que Jesus Se apresenta como nosso Parente mais Próximo, com direito de redimir. De fato, quando Jesus entra em uma vida, não espera achar tudo em ordem e, normalmente não Se desaponta em Sua não-expectativa. Se nada deu

errado, não há nada para Ele redimir. Ele existe exatamente para a tal situação em que você, meu caro, se acha. E a própria palavra Redentor pode ajudar aqui. Ela não apenas começa com “Re”, mas termina com o sufixo “or”. Existem muitas palavras que terminam desta forma: trabalhador, escritor, etc. um trabalhador, não é alguém que trabalha apenas uma vez, mas trabalha continuamente; um escritor é alguém que escreve continuamente. E assim, Redentor, não é alguém que redime apenas uma vez, mas que redime habitual e continuamente. Sempre que as coisas dão errado, lá está Ele como nosso Redentor; e, se as coisas dão errado outra vez, no mesmo ponto ou em outro qualquer, Ele está pronto para fazê-lo novamente. Como temos visto, “novamente” está implícito no prefixo “re”. Tanto o prefixo quanto o sufixo falam de contínua Redenção. Que encorajamento, portanto, para sermos rápidos em nosso arrependimento e em nos valermos dEle!

Tudo isso significa que não precisamos mais ter medo do pecado. Sem dúvida, é sempre saudável ter medo de pecar (lembre-se da resposta de José à esposa de Potifar em Gênesis 39:9), mas aqui estamos falando de não ter medo do pecado. Algumas pessoas são tão temerosas de falhar, que ficam todo o tempo tensas e, de fato, sua própria atitude as predispõe a falhar. São como coelhos que, aterrorizados e fascinados por uma serpente, por causa de seu próprio terror, vão diretamente para a mandíbula dela. Não precisamos ser assim. Sabemos o que fazer com o pecado. Conhecemos Aquele que tem a resposta, Aquele que, se as coisas dão errado, sabe como resgatá-las e libertar-nos da culpa e da tirania da auto-recriminação.

Tal confiança no poder do sangue de Jesus, longe de nos dar liberdade para pecar, dá-nos coragem e força para dizer “não”. Mas, se uma pessoa sente que tudo depende de ela andar no fio da navalha da vitória e que se ela cair estará tudo acabado, então de fato ela está derrotada. Mas as coisas nunca estão acabadas para aquele que conhece o poder de redimir novamente do seu Parente mais Próximo.

Para concluir este capítulo, recordemos que o judeu de antigamente, não tinha de esperar até o ano do Jubileu para ter suas terras restauradas e a si mesmo livre da escravidão. Se ele possuísse um parente mais próximo que fosse capaz e o desejasse, ele poderia ter tanto as suas terras como a si mesmo redimidos imediatamente. Há,

com efeito, uma celebração de Jubileu esperando por nós nos céus, quando todas as coisas passadas serão feitas boas e toda a lágrima será enxugada. Mas, não temos de esperar até lá para ter nossas perdas causadas pelo pecado transformadas em bem, nossas lágrimas enxugadas, nossos problemas resolvidos. Uma vez que Jesus é nosso Parente mais Próximo, podemos gozar de completa redenção muito antes desse Jubileu. Não temos de continuar com os nossos suspiros, não temos de continuar com aquelas falhas e características interiores que nos amedrontam, não temos de nos satisfazer com nada menos do que aquilo que é prometido na Palavra de Deus. Há áreas inexploradas na Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo que ainda temos de descobrir.

CAPÍTULO 4

RUTE, A COLHEDORA NO CAMPO DE BOAZ

“Não vás colher a outro campo”. Conforme viramos as páginas da história, foram Noemi e Boaz que inicialmente chamaram nossa atenção. Agora nos voltamos para Rute, de quem o nome do livro é tirado. A história da jovem e pobre viúva de Moabe que se tornou uma princesa em Israel e ancestral de Jesus Cristo, tem quase o ar de uma bela e romântica história. E se você não percebeu que ela, de fato, veio a tornar-se uma ancestral de Jesus Cristo, abra em Mateus 1, onde você achará seu nome inserido na genealogia do Messias, no seu aspecto humano. Mais tarde falaremos mais sobre isso.

Tudo começou para ela quando fez sua decisão instantânea nos campos de Moabe, de seguir sua sogra de volta para Belém de Judá: “Não me instes para que te deixes, e me obrigues a não seguir-te, porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu, o teu povo é o meu povo, e o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, aí morrerei eu e aí serei sepultada.” A coisa natural seria ela fazer o que fez sua cunhada Orfa: voltar para seu próprio povo e seus deuses anteriores, onde sempre se sentiria em casa e onde poderia achar outro marido. De fato, Noemi esperou que ela retornasse e a aconselhou a fazer isso, em seu próprio interesse. E, não poderíamos acusá-la se ela o tivesse feito pois, além de tudo, ela não tinha nenhum

laço de sangue com Noemi, apenas o “acidente”, por assim dizer, de ter sido casada por poucos meses com seu filho. Além disso, Noemi mesma confessou que não tinha nada para lhe oferecer. Mas Rute escolheu o contrário, e foi uma escolha instantânea. Isso significava ir para Belém sem nada, sem nenhuma perspectiva a não ser compartilhar a pobreza de Noemi. Significava, além de tudo, ir viver no meio de um povo totalmente estranho, cujos hábitos e costumes ela não conhecia. Sem dúvida, não estava claro em que medida os orgulhosos israelitas aceitariam uma gentia vivendo no meio deles. E, mesmo assim, foi o que ela escolheu.

Quando olhamos melhor para as suas palavras, vemos que sua decisão foi, na verdade, composta por três escolhas distintas que estão numa ordem progressiva. Pareceria, à primeira vista, que ela começou a decidir seguir a Noemi de volta para sua terra e estava disposta a fazê-lo por amor e lealdade. Aí, então, ela prosseguiu em escolher o povo de Noemi como seu povo, porque teria de viver no meio deles. E, se isso significasse que o Deus dela teria de ser o seu Deus, ela estaria disposta a isso também, e tentaria se conformar. Quero sugerir, todavia, que a ordem das escolhas foi, na realidade, o oposto disso, e que ela não foi de início atraída por Noemi quanto pelo Deus de Noemi, ao qual ela chamava de Jeová.

Como foi explicado na capítulo anterior, Rute descobriu que Ele era o Deus dos pecadores, o Deus da graça, e por isso, O escolheu. A partir daí, ela prosseguiu escolhendo Seu povo, dizendo, com efeito, “se há um povo cujo Deus é Jeová, e que vive debaixo da beneficência de Sua graça, feliz é esse povo; tal povo será o meu povo e viverei no meio dele; talvez alguma coisa do que eles experimentam eu acharei também”. E então, ela prosseguiu em ligar-se a Noemi, em cujas lágrimas ela teve o primeiro vislumbre do Deus da graça. E mesmo quando ela chegou a Belém e descobriu que o único meio de arranjar comida suficiente para viver era sendo uma insignificante colhedora, ela ficou contente. Havia muita diferença entre um segador e um colhedor. Um segador era um trabalhador reconhecido, recebendo salário; um colhedor não tinha tal “status”. Ele ou ela era apenas um dos pobres na terra, com permissão de colher as porções de cereal deixadas pelos segadores. E esta foi a baixa condição que Rute assumiu. Mesmo assim,

como eu disse, ela estava satisfeita. Gosto de pensar que ela sussurrou alegremente para si mesma, ao sair para sua humilde tarefa: “é melhor ser uma colhedora entre tal povo, com tal Deus, do que ser uma bem paga ceifadora em qualquer outro lugar”.

Creio que o que escrevi para ampliar o pensamento e respostas de Rute recomenda-se a si mesmo ao leitor; quanto a mim, quanto mais pondero sobre isso, mais certo fico de que tudo isso está implícito no texto sagrado. De qualquer modo, há alguma coisa aqui para o cristão. As coisas mais profundas para ele sempre começam da mesma forma. Ele se depara com pessoas nas quais ele vê encarnada exatamente a bênção de que precisa, e que aparentam ter uma paz e um fulgor que ele ainda não descobriu na vida cristã. Ao se aproximar deles e ouvi-los compartilhar suas experiências, ele os acha sempre se arrependendo, e assumindo lugar de pecadores ao pé da cruz, de onde parece derivar toda sua alegria e liberdade. Ele achava que o seu, era o Deus das pessoas boas, que ele teria de atingir certos padrões e preencher certas condições rigorosas para ser tão abençoado. Mas em seu caso, ele simplesmente não consegue fazê-lo. Porém, ao ouvi-los, fica claro para ele que não é esse o caso. O Deus deles é o Deus dos pecadores, o Deus da graça, e tudo o que aconteceu com eles é que aprenderam a viver no terreno da graça de uma forma que ele ainda não aprendeu. E ele começa a ter uma nova visão de Jesus; que Ele tem algo infinitamente bom para santos fracassados, se confessarem que é isso que eles são. Como consequência, ele deseja que este Deus, o Deus dos pecadores, seja o seu Deus porque ele vê que está qualificado, se é uma questão de ter pecados. E ele vai além e diz a si mesmo: “Se há um povo que conhece a bênção de viver desta forma, este será o meu povo; desejo me assentar entre eles e ver o que eles vêem, e talvez alguma coisa do que eles têm sobrar para mim.” E ele começa a tomar lugar entre eles, como colhedor no campo da graça, como alguém que está procurando a verdade mas ainda não a achou. É algo muito humilhante para o homem fazer isso, e confessar que há alguma coisa perdida em sua vida cristã, especialmente se este homem é, em algum grau, um líder. Mas este é o caminho para começar. O primeiro passo para ter uma vida cristã mais abundante, é confessar que você não a tem. Seja bem definido sobre isso.

No encontro de abertura de uma conferência de obreiros cristãos, fomos convidados a nos apresentarmos e dizer porque tínhamos vindo. Nunca esquecerei um ministro dizendo: “Sou um mal-sucedido vigário de uma mal-sucedida paróquia.” Ele teve a humildade de declarar que viera apenas como alguém que está buscando, não como alguém que já encontrara. Havia algum outro candidato melhor para a graça do que aquele homem? Uma vez encontrei um missionário americano numa terra distante, que tinha ido para lá com um ministério muito especializado acerca de uma certa linha da verdade. O Senhor agiu profundamente em nossos encontros, e ele viu e ouviu muitos se arrependendo de pecados diante do Senhor e compartilhando entre si a experiência subsequente da graça na qual eles estavam entrando. Ele viu o Deus dos pecadores em ação e, nesta luz, percebeu que o que ele tinha antes era, em grande parte, apenas teoria. Ele me disse: “É isto que eu quero. Você me diz que há uma conferência na Inglaterra onde vocês aprendem juntos estas coisas e estão vivendo desta forma; posso ir e sentar-me com vocês todos?”. Ele estava querendo viajar milhares de milhas apenas para ser um colhedor entre aqueles que tinham visto que o seu Deus era o Deus da graça, e estavam andando com Ele nesta base.

CORAÇÕES TOCADOS

Esta escolha instantânea de Rute impressionou a todos em Belém, e ela se tornou conhecida como a moça moabita que veio com Noemi da terra de Moabe. Isto os tocou, não apenas porque ela retornou com Noemi, mas também porque ela renunciou a muitas coisas para ser um deles, e para se refugiar sob as asas de seu Deus; e eles foram atraídos para ela.

Notícias sobre o que a jovem gentia havia feito chegaram também a Boaz e, aparentemente, deixaram nele profunda impressão, antes mesmo que ela aparecesse em seus campos. O quanto ele ficou impressionado, pode ser percebido pelas palavras dirigidas a ela naquele primeiro encontro: “Bem me contaram tudo quanto fizeste à tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai e tua mãe e a terra onde nasceste, e vieste para um povo que antes não conhecias. O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua

recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio”. É bem claro que o que primeiro o atraiu para ela não foi que ela possivelmente fosse jovem e atraente, ou mesmo que ele fosse um parente próximo de família com o direito de redimir – este fato ainda não havia ocorrido a nenhum deles, mas simplesmente a escolha tocante que ela havia feito, com suas implicações morais e espirituais.

Como resultado, quando aconteceu de ela entrar na parte do campo pertencente a Boaz, ele prestou nela especial atenção, e lhe estendeu favores não usualmente concedidos a colhedores. Em primeiro lugar, ele lhe deu as boas vindas e lhe recomendou que não fosse colher em outro campo. Depois, lhe deu permissão para beber das vasilhas destinadas aos segadores; colhedores, geralmente não têm esse direito. Além disso, ele lhe garantiu ter advertido seus moços a não terem atitudes impróprias para com ela nem a molestarem. Ao meio dia ele a convidou para comer com ele e seus segadores, para pegar o pão e molhar no vinho. Fazendeiros não eram obrigados a prover comida para os colhedores; eles permaneciam famintos até o fim do dia. Mas Boaz fez mais do que convidá-la para comer com eles; ele pessoalmente lhe deu grãos tostados, e isto em tal quantidade que não apenas ela se saciou, como ainda pode levar alguma coisa para sua sogra. Finalmente, ele instruiu seus segadores para deixá-la colher até entre as gavelas. Normalmente, se colhedores chegam tão perto assim, são advertidos severamente a sair fora. Mas Boaz deu ordem para que a deixassem e não a reprovassem. Ele ainda foi além, e segredou aos segadores para deixarem também cair dos molhos algumas espigas de propósito para que ela as apanhasse. E pela segunda vez, ele acrescenta as palavras “e não a censureis”. Que homem de “bom coração”, se é que já houve algum!

O resultado é que Rute achou de fato nos campos de Boaz, os campos da graça! Rebuscadores trabalham muito para colher pouco, mas ela estava apanhando muito com pouco esforço! Rute ficou prostrada pela graça e literalmente caiu sobre sua face e curvou-se sobre o chão, e perguntou-lhe: “Como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira?” Como resposta, ele apenas disse: “Bem me contaram tudo quanto fizeste”. Se alguém nos falasse isto, sentir-nos-íamos um pouco inquietos, e esperaríamos que a pessoa prosseguisse

enumerando os nossos pecados secretos; não foi assim com Boaz: ele prosseguiu enumerando aquelas profundas e custosas escolhas que ela havia feito em toda sua pobreza, e que o haviam tocado tanto. E um pouco perturbado, eu penso, ele acrescentou: “o Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas vistes buscar refúgio”.

A magnanimidade de Boaz para com a pobre colhedora Rute, é nada comparada à vasta graça do Senhor Jesus para com aquele que se humilha o suficiente para confessar-se como um cristão fracassado, e toma o Deus dos pecadores para ser o seu Deus. Uma vez que começamos a andar neste terreno, achamo-nos como objetos de Sua especial atenção, de um modo que não acontece quando protestamos nossa suficiência. Ao nos dobrarmos diante dEle em nosso reconhecimento de fracasso e de pobreza, sabendo que só Jesus pode fazer do pecador algo bom, achamos amor, encorajamento e socorro vindos a nós de todas as direções, de um modo que é bastante extraordinário e imerecido. Mãos cheias de preciosas promessas são deixadas de propósito por todos os lugares, e quando nos inclinamos para recolhê-las, ouvimos as palavras soando novamente: “não a censureis”. E descobrimos que, apesar de sermos pobres colhedores, o campo em que estamos colhendo é o campo da graça; pois Jesus está fazendo-nos coisas que nem esperávamos nem merecíamos; e elas não são senão o presságio de mais coisas por vir. Isto é de fato verdade, e não imaginação poética. O Novo Testamento diz: “Deus enviou Seu Filho, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”, e se Ele não está condenando o mundo, certamente não está condenando os santos fracassados, que são suficientemente honestos para assumirem seu lugar como tais. Os registros de Deus lidando com os pecadores que voltavam para Ele, no Antigo e no Novo Testamento, desde Manassés, o mais perverso dos reis, até a mulher apanhada em adultério, todos proclamam o fato de que Deus tem prazer na misericórdia.

Se confusos e prostrados por tal graça perguntarmos, como Rute o fez: “Como é que achei graça aos teus olhos e fazes caso de mim, sendo eu o que sou?” Ele responderá, como Boaz o fez para Rute: “Bem me disseram tudo quanto fizeste...”, e apontará, não tanto os nossos

pecados, como mostrando o que temos feito, mas antes os nossos suspiros por causa dos nossos pecados, o princípio do nosso novo andar sendo honestos à respeito de nós mesmos, e a nossa débil fé, que ousa esperar que certamente há plena redenção no sangue que foi derramado. É isto que O atrai para o nosso socorro.

NATANAEL DEBAIXO DA FIGUEIRA

Aconteceu o mesmo no caso de Natanael. Jesus falou sobre ele, como se soubesse tudo a seu respeito, dizendo: “Eis aí um verdadeiro israelita, em quem não há dolo” – sendo que Natanael nunca O havia encontrado antes.

“De onde me conheces?” – perguntou Natanael naturalmente.

“Antes de Felipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira”, Jesus respondeu.

Isso assustou Natanael, porque o lugar debaixo da figueira era para ele, penso eu, o lugar mais privado do mundo. Aquele era o lugar para onde ele ia quando queria ficar sozinho e orar. Mas Jesus sabia o que havia acontecido debaixo da figueira e, aparentemente, o que acontecera ali naquele dia, fez com que Ele pudesse dizer: “Eis um verdadeiro israelita em quem não hão dolo”.

Note que Ele não disse “em quem não há pecado”, mas “em quem não há dolo”, isto é, nenhum pecado escondido.

O que você pensa que se passou debaixo daquela figueira? Eu apenas posso inferir que Natanael estava encarando a verdade acerca de si mesmo, que ele estava confessando o tanto que sabia acerca de si mesmo, tanto quanto o que sabia sobre Deus.

Ele não poderia ter ido muito além disto naquele momento, e ser antes alguém que já encontrou, mas foi isso que atraiu a graça de Deus para ele, e possibilitou a Jesus falar acerca dele, nos termos em que falou. O que aconteceu debaixo da figueira era conhecido apenas por Deus e, portanto, raciocinou Natanael, Aquele que lhe falou e revelou Seu conhecimento sobre ele deveria ser Divino, e ele confessou: “Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel”.

Sugerir que possa haver alguma coisa em nós que atraia a graça de Deus, pode suscitar um pergunta em nossas mentes. Alguém pode

dizer: “Eu pensava que a graça não teria que achar nada em nós, para ser atraída para nós. Eu pensava que a graça era o amor de Deus para com aqueles nos quais não há nada de bom”. De outra forma “a graça já não é graça”. Mas o que sugeri que atrai a graça, senão a simples confissão de que não há nada de bom em nós, nada que atraia? É a única coisa que pode haver em nós, sem que a graça cesse de ser graça. De fato, onde existe este reconhecimento, tornamo-nos ostensivamente candidatos à graça, de um modo que não seria possível se pensássemos que tudo vai bem conosco. Se a graça é o amor de Deus para com os culpados, isto implica que temos que admitir que somos culpados, para estarmos qualificados para o que é oferecido. Se é verdade que Deus justifica o ímpio, isto significa que temos de reconhecer que somos os ímpios, para que Ele possa nos justificar. E, no momento em que cessamos de lutar contra a verdade e concordamos com Deus, tornamo-nos candidatos à graça.

Assim, foi o fato de Rute ser uma gentia e estrangeira, e mesmo assim ter escolhido a Jeová para ser o seu Deus, e o Seu povo para ser o seu povo, que atraiu Boaz para ela. E ele sabia tudo isso sobre ela antes de ela o ter conhecido. Quando pensamos na presciência de Deus acerca de nós, debaixo de nossas figueiras, certamente devemos dizer como Davi: “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim, é sobremodo elevado, não o posso atingir”.

NÃO VÁS COLHER A OUTRO CAMPO

Tendo em vista o fato de que Rute começou a achar graça aos olhos de Boaz, estamos em posição de entender a importância de suas palavras para ela: “Não vás colher a outro campo, tampouco passes daqui, porém aqui ficarás com as minhas servas”. Quão inapropriado teria sido se, havendo recebido tanta bondade e abundância nos seus campos, ela tentasse ir a outro campo, esperando encontrar mais lá. Até Noemi, quando soube de tudo que havia acontecido, deu-lhe o mesmo conselho: “Bom será, minha filha, que saias com as servas dele para que noutra campo não te molestem”. O que ela queria dizer, era quão embaraçoso seria se, havendo recebido tão bom tratamento naquele campo, eles a achassem em outro campo. Que olhares reprovadores eles

lhe lançariam, e quanta difamação seria lançada ao homem, como se o que ele tivesse feito não fosse suficiente, ou não pudesse continuar. O fato era que o campo de Boaz continha infinitamente mais promessas para ela do que qualquer outro campo em Israel, como o acontecimento demonstrou.

Isto é uma importante palavra para nós também: não ir colher em outro campo que não o da graça; não procurar nenhuma outra resposta, senão aquela achada ao pé da cruz de Jesus. Com efeito, continuar a colher no campo da graça envolve contínuo arrependimento, se não acerca de uma coisa, de outra. A cruz não é para nenhuma outra coisa além de pecados e, para continuar no campo da graça, deve-se sempre recorrer a ela. Você pode, contudo, sentir-se obstinado neste caminho de constante reconhecimento de necessidade, e dizer a si mesmo, que continuar neste caminho não vai levar a lugar algum, ... onde está a vitória? Mas continue ali; não vá colher em outro campo; não procure acrescentar nada a Jesus e Sua obra consumada na cruz para a sua paz. Por fim, Ele irá encontrá-lo ali e dar-lhe uma experiência de Redenção e Reavivamento, isto de modo contínuo, mais do que você jamais esperou. Rute jamais sonhou que aquele em cujo campo estava colhendo fosse um parente próximo, um Goel, destinado a redimir as perdas da família e dar-lhes grande prosperidade, mas isto aconteceu. Como o velho hino diz: “Chegue-se à cruz, e o fardo cairá”.

As coisas podem não acontecer imediatamente como você deseja, mas, esteja certo, se não acontecerem ali, não acontecerão em nenhum outro lugar. Mas o fardo cairá, e tudo o mais ficará em ordem, se você ficar ali e não for colher em nenhum outro lugar.

Sim, há outros campos nos quais podemos colher, se estamos determinados a fazê-lo; caminhos alternativos para a graça. Não seria correto sugerir aqui quais estes outros caminhos possam ser. De qualquer modo, o que constitui “um outro campo” irá variar de pessoa para pessoa, e de situação para situação. Somente o Espírito Santo pode mostrar quando você está tentando colher em um outro campo que não o da graça. Embora as alternativas para o caminho da graça possam diferir muito umas das outras, quase todas têm uma coisa em comum: elas sempre nos falam como a não pecadores, e nos propõem fazermos coisas que estão acima de nosso alcance fazer, sendo o que somos.

Há regras a guardar, experiências a obter, degraus a atingir, se quisermos ser vitoriosos; mas, parece que esquecemos que somos fracos demais para galgar o primeiro degrau, quanto mais o resto... O resultado é que somos postos sob tensão e ficamos lutando em nossas próprias forças, e nunca alcançamos o padrão. Isto, por sua vez, implica que Jesus não é suficiente para o pecador e estamos, com efeito, acrescentando alguma coisa a Ele – se não alguma coisa para fazermos, algum sentimento para experimentarmos. E, invariavelmente, o que é acrescentado a Ele torna-se mais importante do que Ele mesmo, e O faz de nenhum proveito para nós.

Todos estes acréscimos a Cristo são apenas sutis variantes do caminho das obras, do qual Paulo tanto fala em suas epístolas. Quão embaraçoso é para aqueles de nós que começaram no Espírito, sermos achados pelos nossos irmãos em outro campo, tentando “aperfeiçoar-nos na carne” (Gálatas 3:3). Mas todos nós o temos feito, em um ou outro grau e ganhamos para nós mesmos a reputação daqueles que estão sempre em alguma coisa nova. A coisa nova apenas nos leva ao desespero e frustração. Que descanso voltarmos ao campo da graça e ao pé da cruz, onde todas as coisas são recebidas como dádivas para o pobre homem que confessa a si mesmo, ser pobre.

Assim, Rute se resignou a não ir a nenhum outro campo além daquele no qual ela começou. Todavia, até este ponto da história, ela é apenas uma colhedora; o grande destino que lhe estava reservado, não havia sido ainda nem pensado, muito menos experimentado. Mas ela já havia ao menos aprendido o nome daquele em cujos campos estava colhendo. Quando interrogada por Noemi, à tarde: “onde colheste hoje?”, ela respondeu: “o nome do homem em cujo campo trabalhei, é Boaz”. Aquela foi a primeira vez que aquele nome veio a seus lábios. Ela pouco sabia quão caro ele se tornaria para ela e quanto seu possuidor faria por ela.

CAPÍTULO 5

RUTE AOS PÉS DE BOAZ



Quando Rute contou à sua sogra que o nome do homem em cujo campo ela tinha estado colhendo era Boaz, eu gosto de pensar

que Noemi, de repente, teve um sobressalto. Ao som daquele nome, percebendo duas coisas que poderiam ter tremenda importância em sua situação, disse: “Este homem é nosso parente chegado, um dos nossos resgatadores”. As duas coisas que ela percebeu estavam relacionadas com as duas frases que ela usou: “Nosso parente chegado, um dos nossos resgatadores”. Na primeira frase, a palavra hebraica usada é “karov”, que significa simplesmente “parente”. De fato, esta era uma coisa para levar Noemi a aguçar seus ouvidos e fazer um comentário: “Boaz é um dos parentes de meu marido; que interessante que você esteja colhendo no seu campo, dentre todos os campos!”. Por um momento apenas, foi uma interessante coincidência para Noemi. Ela, presumivelmente, o havia conhecido como um da grande família, mas nunca estivera próxima dele e, nos anos de sua anterior prosperidade, ele nunca havia significado nada para ela. Desde então, perdera o contato com ele mas, de qualquer forma, ele era um parente. Mas foi a segunda palavra usada por ela que demonstrou que o que ela estava ouvindo não era apenas interessante, mas de importância vital para elas.

A frase que ela usou foi “um dos nossos resgatadores” e, no hebraico, a outra palavra usada é “Goel”, sobre a qual já falamos bastante. Ela viu que ele não era apenas um parente mas, por ser um parente, ele tinha o direito de redimi-las. Mais do que isso, ela viu que a sua própria perda de tudo e a viuvez sem filhos de Rute as qualificava para invocar a lei do Goel. Não é de admirar que Noemi tenha ficado bastante animada ao tentar explicar a antiga lei judaica a Rute. Não é de admirar que ela tenha incitado Rute a não ir colher em nenhum outro campo, que não o de Boaz. Porque, em sua mente, ela já estava formando um plano de como esse direito, investido em Boaz, poderia ser invocado em seu favor. Mas isto não era apenas uma questão legal, mas também uma questão de coração. Teria de crescer um amor mútuo entre Boaz e Rute.

Assim, tudo teria de ser feito cuidadosamente, da forma certa, no tempo certo. Também nós necessitamos de uma igual revelação do direito investido no Senhor Jesus para nós, se formos incentivados a apresentar nossa causa pela total redenção que a graça traz para nós. Necessitamos ver que Aquele que nos tem mostrado tal imerecido favor, desde que tomemos nosso lugar como colhedores em Seu campo,

tem mais e mais! Precisamos ver que Jesus é nosso Parente mais Próximo, com o direito de redimir, tanto a nós como a nossa situação, um direito adquirido através da poderosa suficiência de Seu sangue. O Filho do Homem tem direito sobre a terra de perdoar pecados, e mais, de redimir e transformar em bem, as próprias perdas ocasionadas pelo nosso pecado. Em tudo com esse sangue, no derramamento do Seu sangue, no qual toda a culpa que nos concerne foi revista e extinta. Com esta visão do sangue, deve vir também uma nova visão da graça – que nossas próprias deficiências, faltas e fracassos são aquilo que nos qualifica para a sua provisão, da mesma forma que Rute tinha de ver que sua pobreza e viuvez eram as coisas que a qualificavam para um resgatador. Nossas situações de necessidade não são desqualificações, como o diabo quer nos fazer acreditar, mas são, de fato, se devidamente reconhecidas, nossa única qualificação para sermos abençoados, o que significa que somos exatamente o caso para Ele. Uma nova visão do sangue de Cristo e da graça de Deus é tudo o que importa, se quisermos fazer a mesma ousada reivindicação ao nosso Parente mais Próximo que Rute fez ao dela. Assim, dê-se ao luxo de ouvir novamente este doce Evangelho. Se ele não vem do púlpito, comece a pregá-lo a seu coração você mesmo, até que finalmente tenha coragem de deitar-se aos pés do seu Resgatador, com grande confiança naquilo que Ele vai fazer por você.

“ESTENDE TUA CAPA SOBRE MIM”

Por fim, Noemi está com seu plano pronto. Ela vê algo melhor para Rute do que ser apenas uma colhedora, retornando cansada a cada tarde do seu trabalho nos campos. Ela a vê em sua própria casa, amada e honrada como esposa e mãe. Isto é o que ela queria dizer quando, ao final de um dia, lhe disse: “Minha filha, não hei de buscar-te um lar para que sejas feliz?” E quando Rute se mostrou surpresa com tal projeto, ela disse: “Não é Boaz, na companhia de cujas servas estiveste, um dos nossos parentes?”. E, então, ela revelou seu plano de enviá-la a ele para invocar a lei de Goel. Mas era uma questão delicada; apesar de Boaz ter o direito de redimir, ele poderia não querer fazê-lo... Envolveria mais do que redimir terras; envolvia receber uma esposa. Mas Noemi tinha boas razões para acreditar que Boaz estava tocado, talvez muito

mais do que tocado, pela humilde colhedora em seus campos e, com intuição feminina, ela sabia que Rute, por sua vez, viria a amar este senhor de “bom coração”. Assim sendo, Noemi instruiu Rute quanto ao que ela deveria fazer. Era o fim da colheita da cevada, e haveria muita alegria na eira. Rute foi instruída a banhar-se, ungir-se e colocar roupas novas. É bem possível que até aí ela estivesse vestindo trajes de viuvez, e todos a conheciam como tal. Mas ao mudar suas vestes, ela estava, com efeito, declarando aos que a vissem, que estava em condições de casar-se novamente. Mas ela não deveria ser vista senão por um homem. Ela deveria, portanto, ocultar-se nas sombras e esperar até que o banquete e a alegria terminassem e as pessoas tivessem ido embora. Ela deveria esperar e ver onde Boaz se deitaria, porque ele deveria dormir ao lado da cevada joeirada, para que esta não fosse roubada. Ela o observou nas sombras, enquanto ele se preparava e tirava de si as suas vestes. Quando ele adormeceu, ela entrou furtivamente, de acordo com as instruções, ergueu as cobertas que cobriam seus pés e se deitou ali. Só posso inferir que as instruções de Noemi para descobrir seus pés eram para assegurar que ele acordaria, mas devagar e naturalmente. Pés frios certamente fazem qualquer um acordar! Mas não com um rude choque. A pessoa acordaria suavemente, sem saber, de início, o que a havia acordado, e isto foi exatamente o que aconteceu. À meia noite ele acordou “e eis que uma mulher estava deitada a seus pés”.

“Quem és tu?” perguntou ele sobressaltado.

“Eu sou Rute, tua serva”, ela disse, “estende a tua capa sobre tua serva porque és resgatador”.

O que significaria estender sua capa sobre alguém? Há outra passagem em que esta mesma expressão é usada, Ezequiel 16:8, na qual está claro que era um ato simbólico pelo qual um homem reivindicaria aquela de sua escolha para ser sua esposa. Esta passagem em questão é uma bela parábola mostrando como Jeová desposou a Israel para ser Sua: “Passando eu por junto ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores, estendi sobre ti as abas do meu manto, e passaste a ser minha”.

Normalmente era o papel do homem estender o manto, porque ele tinha de fazer a escolha. Não muitas moças sentiriam que poderiam pedir a um homem para estender seu manto sobre si, pois seria o equivalente a ela propor-lhe casamento. Mas foi exatamente o que Rute

fez aqui. Ao dizer “estende o teu manto sobre a tua serva”, ela estava, na verdade, dizendo: “case comigo, case comigo, Boaz. Receba-me como tua esposa”. Era um ato puramente simbólico, entenda-se; não há nenhuma insinuação nesta história de nenhum convite a Boaz para agir inconvenientemente para com ela. Mas mesmo assim, se significava que Rute estava pedindo a Boaz que se casasse com ela, certamente parecia imodesto, para dizer o mínimo, e bastante impróprio. Mas, espere um momento, ela deu a razão do seu pedido: “porque tu és resgatador” – ou seja, alguém que tem o direito de redimir as propriedades perdidas de Malom e tomar sua viúva para suscitar descendência em seu nome. No momento em que ela disse: “porque tu és Goel”, tudo mudou de figura; não havia nada de impróprio no que ela havia feito; ela estava apenas invocando a lei de Goel em seu favor, e Boaz a conhecia. Ela não deveria ser acusada de fazer nenhum avanço; se alguém devia ser acusado, era Boaz, por não ter percebido que havia este parentesco especial para com ela. E ele respondeu imediatamente: “É verdade que eu sou resgatador... eu farei tudo o que você está pedindo”.

Isto é o que nós temos de fazer: ir e nos deitarmos aos Seus pés. Quão tocante é, quando pode ser dito acerca de nós: “Eis um cristão fracassado a Seus pés.”, ou “Eis um pregador fracassado a Seus pés.” ou “Eis uma esposa ou um marido fracassado a Seus pés”, ou um pai e uma mãe, ou um jovem cristão que começou tão bem a Seus pés. E cada um deles está ali porque tem visto que, a despeito de tudo, Ele é o seu Parente mais Próximo que tem o direito, o poder e o desejo de Redimir tudo o que tem dado errado, perdendo o pecador e tomando sobre Si sua situação. A verdade é que você não pode estar tão errado, ou tão deprimido, ou seus negócios tão enrolados e confusos, que não haja um lugar santificado para você aos Seus pés. E, ficando ali, você pode fazer a oração de Rute: “Estende o teu manto sobre este pecador, toma-me, restaura-me, porque Tu és meu Resgatador”.

Quando Ele o vê ali, e o ouve falando desta forma, Ele sabe que há um pecador em suas mãos, que está apelando para o Seu direito e poder de Redimir – e Ele não falha. Até que você vá a Seus pés e comece a se arrepender, a situação que você, ou causou, ou contribuiu para que acontecesse, é da sua responsabilidade. Mas quando você vai a

Seus pés com o seu pecado e a sua necessidade, não é apenas o pecado que é perdoado e sua mancha purificada, mas Ele toma sob Sua responsabilidade toda a situação.

Com certeza, não estamos sempre dispostos a nos vermos como cristãos fracassados ou a admitir que causamos ou contribuímos para a situação em que estamos. Quanto a mim, percebo que mesmo quando parece que não fui o causador do problema, certamente contribuí para ele com minhas reações erradas. Se outra pessoa teve a ação errada em primeiro lugar, minhas reações para com ela foram erradas também, e isso só tornou as coisas piores. Há um argumento para quando é difícil saber quem estava errado em primeiro lugar, porque ambos estamos errados agora. É a falta de quebrantamento dele ou minha que é o problema? Como alguém tem dito: “Quando cristãos contendem, o diabo permanece neutro e fornece munição para ambos os lados”.

Obviamente Jesus não pode estender Seu manto sobre mim e tomar-me e à minha situação enquanto eu não estou preparado para me colocar a Seus pés como a pessoa errada, sem esperar por ninguém mais para tomar aquele lugar primeiro. Apesar de que todos nós detestamos tomar nosso lugar como aquele que está errado, isto é algo que precisamos aprender a fazer, e que necessita de algum aprendizado. Mas, a prática leva à perfeição – ou quase isto!

Mas quando tomamos este lugar numa situação, Ele não nos dá apenas a paz e perdão, mas age para sarar e tornar as coisas novas outra vez – e, freqüentemente, melhores do que eram antes.

Aqui precisamos da palavra que Noemi deu a Rute: “Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará enquanto não se resolver este caso ainda hoje”.

Havia uma questão com a qual Boaz tinha de lidar antes que pudesse agir como resgatador para Rute (Vamos ver isto no próximo capítulo). Nós também, tendo estado ao pé da cruz, e para lá levado nossos assuntos, teremos algumas vezes de sentar e esperar até que Deus resolva as coisas.

Embora o perdão de pecados e a restauração da alma seja imediata, a Sua operação de restauração com relação à nossa situação pode ser um pouco mais lenta, porque há outros fatores que Deus precisa operar ou outras pessoas nas quais Ele precisa atuar.

Assim, “espera minha filha... porque aquele homem não descansará enquanto não se resolver este caso”.

Podemos descansar porque Ele não vai descansar, mas resolver a situação, se a deixarmos com Ele. Isto não significa que Ele não possa pedir nossa obediência e cooperação em alguns pontos, seja através de confissão ou restituição ou alguma outra coisa. Mas nenhum de nós deveria pensar que estas coisas em si irão restaurar a situação. A redenção de tudo é outra coisa que só Ele pode fazer e é a esfera em que Ele é gloriosamente “expert”. Assim, “espera, minha filha, este homem não descansará...”

A RESPOSTA DE BOAZ.

Qual foi a resposta de Boaz a este ousado pedido? Você pode acreditar! Ele agradeceu! Ele disse: “Bendita sejas tu do Senhor, minha filha”. Ele estava extasiado por ela ter feito seu apelo a ele como Goel, não porque ele a amasse, embora eu creia que ele estivesse no processo de “perder seu coração por ela”, mas porque em toda a sua pobreza e sendo estrangeira, ela tivera a coragem de apelar para esta lei de Jeová, o Deus da graça. Ele disse, com efeito: “Obrigado; obrigado por dar-me o privilégio de exercer o meu direito como resgatador”.

E quando você vai ao pé da cruz para redenção e reavivamento, Jesus agradece por você ter vindo. Isto está em João 16:24, onde Ele diz: “Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa”. Você vê?! Ele está nos pedindo para pedir! Se Ele tinha alguma queixa contra nós, mais que qualquer outra, é que não temos pedido! Normalmente pensamos que orar é de alguma forma estar tentando conquistar Sua relutância, e o modo como oramos revela que é assim que nos sentimos a respeito. Não é assim... é antes uma tomada de posse da Sua vontade. Ele está pedindo que você peça. Ele está pedindo que você venha e tome o lugar de Rute; está pedindo que você venha e entregue a confusão a Ele e, quando você o faz, Ele agradece pelo privilégio. Nós, certamente, agradecemos a Ele, mas nada O faz tão feliz quanto ver alguém a Seus pés, dizendo: “Cobre-me, cobre-me; estende a borda do Teu manto sobre mim, porque Tu és meu Resgatador”.

“Cobre-me, cobre-me”... E ele nos cobre com o manto de Seu

precioso sangue!

Vamos agora ver em maior detalhe o que Boaz disse a Rute naquele dia, porque é importante: “Bendita sejas tu do Senhor, minha filha, melhor fizeste a tua última benevolência do que a primeira, pois não foste após jovens, quer ricos quer pobres”. Ao referir-se à bondade que ela demonstrou no início, Boaz, obviamente, tinha em mente a grande escolha que ela fizera ao deixar sua terra e unir-se a Noemi. Foi, de fato, uma benevolência. Mas ele disse: “Melhor a tua última benevolência do que a primeira”. Qual era a benevolência que ela estava mostrando agora? Como resposta, considere o que outras jovens viúvas teriam feito na sua situação. Teriam dito: “Não há futuro para mim aqui, vivendo nesta fazenda arruinada, tomando conta de uma sogra idosa; vou deixar tudo isso e procurar marido entre os jovens”. Rute teria total direito de fazê-lo, mas se ela tivesse feito isso e achado outro marido fora da família, Noemi seria abandonada, as terras da família provavelmente nunca seriam redimidas, certamente não haveria nenhuma descendência no nome de Malon para herdar as terras, e a família de Elimeleque estaria extinta em Israel. Mas ela não fez isso; escolheu, antes, permanecer ao lado de Noemi e daquela velha e agonizante família e, quando surgiu esta nova oportunidade, ela teve a visão para o seu reavivamento. Ela fez o apelo a Boaz para redenção das terras da família e se ofereceu para ser a mãe dos seus herdeiros, se Boaz a tomasse e fizesse o papel de resgatador. Como Boaz o viu, em vez de tentar começar uma nova família, ela procurou o reavivamento da antiga. Esta foi a bondade que ela mostrou por último, e foi isto que deleitou a Boaz.

Agora, vamos à aplicação espiritual. É bastante natural para nós, quando as coisas dão errado e nossa situação não funciona como gostaríamos, abandonar tudo, encerrar este capítulo e começar uma nova situação. Mas, por que as coisas não funcionaram na velha situação? Fomos nós inteiramente inocentes ali? E se não, nós apenas carregamos nossos problemas para a nova... Se você é o problema, tudo é um problema, tanto na velha como na nova situação. Creio que o que deleita o Senhor Jesus não é o desejarmos uma nova situação, mas termos uma visão do reavivamento da antiga, afirmando que não há nada difícil demais para Jesus, que não há nada que Ele não possa fazer

exatamente ali. E se é o reavivamento da antiga que nós estamos procurando, descobriremos que temos de estar nos arrependendo junto à cruz, tanto quanto a outra pessoa.

Isto poderia ter aplicação para alguém numa igreja difícil, tanto para um membro, como para um ministro. Porque as coisas não estão boas ou convenientes ali, o caminho natural é encerrar aquele capítulo, e ir para outra igreja. Não estou dizendo que é sempre errado deixar uma igreja; algumas vezes Deus dirige uma pessoa a fazer exatamente isto. Mas, certamente a coisa melhor, que mais glorificaria a Deus seria a igreja ser mudada e restaurada, mais do que irmos para outra igreja. E se esta fosse nossa visão, poderíamos ver que nós precisamos ser restaurados, tanto quanto qualquer outro.

Isto bem pode ser aplicado a um casamento que não tem funcionado bem. Frequentemente, quando as coisas vão mal, a pessoa vai ao tribunal de divórcio, em vez de ir à cruz.

As pessoas preferem mais terminar as coisas, que ver sua própria culpa e deixar Jesus consertar as coisas. Deus certamente deseja que você, em vez de terminar a antiga situação e desejar algo novo, tenha a Sua visão para mudança e restauração da antiga. Isto também Pode significar que a mudança tenha que começar com você, mais do que com o outro. Como tem sido dito, são necessárias duas pessoas para haver uma contenda, mas uma só pode apaziguá-la. Por que não poderia ser você? E quando Deus o vê se movendo nesta direção, Ele Se delicia, e diz: “Bendita sejas tu do Senhor, minha filha!” Obrigado pela oportunidade de permitir-me vir para consertar as coisas.

Este princípio é aplicável a várias situações; não apenas a estas duas, mas muito mais, desde as menores até as maiores questões. É sempre verdadeiro que consertar coisas é muito mais recompensador do que encerrar coisas.

CAPÍTULO 6

BOAZ E O PARENTE MAIS PRÓXIMO.

“Mas ainda outro resgatador há mais chegado do que eu”.



Quando Boaz disse a Rute que estava pronto a fazer o que ela pedira, teve de acrescentar que havia um obstáculo que o impedia

de agir imediatamente. “Ora, é muito verdade que eu sou resgatador, mas ainda outro resgatador há mais chegado do que eu”. Este homem tinha prioridade no direito de redimir, e a ele deveria ser dada a primeira chance. “Se ele te quiser resgatar, bem está, que te resgate, porém se não lhe apraz resgatar-te, eu o farei, tão certo como vive o Senhor”.

Estamos vendo neste livro de Rute figuras do Senhor Jesus e do Evangelho do qual Ele é o centro. Se Boaz deve ser visto como uma prefiguração do Senhor como Redentor, quem seria este parente mais próximo, que tinha primazia no direito? Aqui não podemos ser dogmáticos, mas penso que podemos ver um quadro da lei de Deus que tem a prioridade no direito sobre o pecador. E o direito que a lei de Deus tem sobre o pecador é para condená-lo.

Isto não é apenas fantasia. Achei, para meu grande interesse, outros escritores que têm o mesmo ponto de vista sobre esta passagem. Em todo o caso, e isto é bem claro, embora Boaz estivesse mais do que desejoso de ser o resgatador de Rute, ele não poderia agir ilegalmente. A lei estabelecia que o Goel deveria ser o parente mais próximo, e este homem era mais próximo do que Boaz, portanto a lei deveria ser satisfeita antes que Boaz pudesse agir como resgatador para com ela.

Como temos dito, a lei de Deus tinha prioridade sobre o pecador, e a reivindicação dela, era para condená-lo. Por exemplo, a lei de Deus coloca diante de nós certos padrões elevados, e nos chama para obedecer às suas exigências morais. Elas são expressas não só nos dez mandamentos dados no Sinai, mas também no Sermão do Monte feito pelo Senhor e em muitas outras ordenanças morais em outras partes do Novo Testamento. E a lei aponta para estes altos padrões, e diz: “Faze isto, e viverás”. Isso significa que se nós guardarmos os seus mandamentos e alcançarmos seus padrões, teremos vida eterna e tudo o mais que precisamos em nossas vidas espirituais. Mas esta palavra também implica: “deixa de fazê-lo e morrerás”. E, na verdade, todos nós acabamos falhando em fazer o que a lei ordena e, assim, tudo o que ela pode fazer por nós é condenar-nos. Isto significa que o mandamento que foi ordenado para a vida, (se nós o tivéssemos guardado) tornou-se-nos para a morte, porque falhamos em guardá-lo (Romanos 7:10).

Condenar, portanto, é tudo o que a lei pode fazer. Isto não quer

dizer que aqueles padrões foram ab-rogados para o cristão. Eles são para serem cumpridos, mas debaixo da graça, de outra forma.

Sob a nova aliança da graça, Deus se faz responsável por colocar em nós aquilo que ele quer pára nós – não, sem dúvida, sem a nossa cooperação. Mas, debaixo da lei, a obrigação está sobre nós e, se falharmos em atingir os padrões exigidos, somos condenados. O que quer dizer que a lei de Deus e seus altos padrões, belos como possam ser, não podem redimir aqueles que neles falharam.

No capítulo 4, o parente mais próximo diz duas vezes: “Eu não posso redimir”. Talvez ele tenha sentido que, para fazê-lo, teria de vender parte de sua própria herança e, assim, empobrecer a seus herdeiros. Mas seja qual for a razão para essa impossibilidade, as palavras “eu não poderei redimir” são profundamente significativas, quando nós o vemos como uma figura da lei, apta para condenar, mas nunca para redimir. De fato, 1 Coríntios 15:56 nos diz que a lei dá força ao pecado, em vez de enfraquecê-lo. O texto diz que “a força do pecado é a lei”, significando que a lei dá ao pecado mais poder para condenar-nos quando falhamos. Poderíamos pensar que ele deveria dizer que a força do pecado é a tentação, mas a força da santidade é a lei; nada disso: quanto mais elevados nossos padrões, maior nosso senso de culpa e de acusação quando falhamos. Todas as nossas promessas de sermos melhores e nossos votos de metas mais elevadas, somente dão ao diabo mais oportunidade de acusar-nos e de usar uma vara maior para nos fustigar.

Assim sendo, se Jesus é nosso Parente Resgatador, a lei é nosso parente condenador, e Jesus não pode agir como Resgatador para conosco, até que primeiro tenha acertado as contas com a lei.

Podemos lembrar que quando a primeira Epístola de João nos diz que se confessarmos os nossos pecados, Deus os perdoa e purifica, é cuidadosamente frisado que “Ele é fiel e justo para fazê-lo”. (1 João 1:9). Ele não irá perdoar-nos, de forma a desrespeitar a justiça divina. Se Deus vai justificar o ímpio (Romanos 4:5), deve ser achada uma forma na qual Ele possa ser “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3:26). Se Jesus vai Se tornar o Amigo dos pecadores, e cancelar a culpa dos pecadores, e tomar o problema dos pecadores, Ele precisa primeiro satisfazer a lei de Deus. Para acertar as coisas com

o parente mais próximo, Boaz foi à porta da cidade, onde todas os assuntos eram resolvidos. Mas para acertar as contas com a lei, Jesus foi até fora da cidade, a um lugar de desonra, para morrer na cruz entre dois ladrões, como se Ele mesmo fosse um deles. A coisa suprema que Ele fez ali foi tirar do pecado o seu poder de condenar-nos, e Ele o fez, sofrendo Ele mesmo a maldição devida à lei quebrada e, desta forma, exaurindo-a. Na verdade, a primeira pessoa para quem o pecado perdeu o poder de condenar, foi Jesus. Em Romanos 6:10 há uma frase que diz exatamente isso: “Pois quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado”. Não diz que Ele morreu pelo pecado, mas para o pecado; ou seja, Ele morreu para o poder do pecado de ainda condená-lo pela multidão de pecados que Ele tomou sobre Si. No momento em que Seu sangue foi vertido, no momento em que Ele disse “Está consumado”, Satanás e a lei não poderiam prendê-lo mais, porque o preço tinha sido pago. Além disso, Ele saiu da sepultura, porque não havia mais razão para Ele permanecer ali. Mas se a lei perdeu seu poder para condenar nosso Substituto, ela perdeu, da mesma forma, seu poder para condenar todos aqueles dos quais Ele é substituto.

Agora que o nosso parente mais próximo renunciou à sua reivindicação sobre nós, Jesus pode efetivamente tomar o lugar de nosso parente mais próximo com um inquestionável direito de redimir. De nossa parte, aqueles de nós com a mais sensível das consciências, não devem ter nenhum escrúpulo de receber Sua Redenção nos mais fáceis termos que a graça oferece, porque Ele cumpriu a lei por nós.

Quero exaltar o grande poder do sangue de Jesus. Sua eficácia se estende não só ao pecado em si, mas ao remanescente da culpa; a situação que o homem criou para si mesmo pode ainda continuar e estar apenas em processo de restauração, mas o homem no meio dela pode ter perfeita paz com Deus. Pelo poder do sangue de Jesus, o elemento da culpa na situação foi completamente eliminado e ele pode orar com confiança e alegria sobre o problema como se não tivesse sido sua culpa, e pode esperar que Deus aja em seu favor. Apesar de guerras poderem estourar contra ele, ele conhece a bênção do homem a quem o Senhor não atribui iniquidade (Romanos 4:6-8). A consequência do que ele fez tornou-se para Deus apenas matéria prima, pode-se dizer, matéria prima neutra para Ele fazer uma coisa nova. Quero dizer

“neutra”, porque não há nada na desordem que o homem apresenta a Deus que agora implique em culpa. Não há nada negro contra ele. Todo o barro é sem forma, para o oleiro começar a obra e, nosso Oleiro Celestial não irá achar dificuldade alguma a mais, para fazer algo com nosso barro sem forma, do que Seu correspondente terreno faz com o barro.

O TESTEMUNHO DE DAVI

É por isso que Davi pode orar no Salmo 3 com tanta ousadia e alegria, com relação às circunstâncias nas quais estava, quando fugia de Absalão. Natã lhe havia dito que problemas surgindo dentro de sua própria família, seriam parte da disciplina de Deus por causa do seu pecado. E ainda aqui neste Salmo, que tem o título “Salmo de Davi quando fugia de Absalão”, ele diz: “Porém tu, Senhor, és o meu escudo, a minha glória, e o que exaltas a minha cabeça” e, novamente, “deito-me e pego no sono; acordo porque o Senhor me sustenta”. Ele prossegue: “não terei medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados”. E ele conclui antecipando, pela fé, o livramento que Deus irá lhe dar: “Pois ferer nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios, quebras os dentes”.

Como ele podia ser capaz de estar tão confiante no seu Deus, em tal tempo e não estar antes como um cachorro com o rabo entre as pernas?... porque ele sabia, desde que ouvira Natã dizer: “também o Senhor te perdoou o teu pecado” que o elemento da sua culpabilidade havia sido completamente removido. Além disto, ele estava apto, sem nenhuma auto-recriminação, a confiar em Deus para fazer alguma coisa nova por ele naquela situação. O que, com efeito, Deus o fez. Ele foi posteriormente trazido de volta ao seu trono, mais amado e honrado do que antes, e os dias que se seguiram vieram a ser os melhores de sua vida. É, de fato, uma história de justificação, mas não do homem por si mesmo, mas, antes, pela sua fé na graça de Deus; e o Senhor foi visto uma vez mais como o Deus dos pecadores.

Até onde sabemos, nosso entendimento da completa expiação do sangue de Jesus que remove os pecados deveria dar-nos ainda maior encorajamento para ter tal fé na graça. Jesus é realmente a nossa glória e Aquele que exalta nossa cabeça e, por causa da confiança nascida da

fé no sangue de Jesus, podemos sorrir mesmo diante de inimigos e de circunstâncias adversas.

NENHUM DIREITO DE CONDENAR

Tudo isto é vislumbrado em um acidente nesta parte da história de Rute, onde a questão de quem iria redimir a herança de Noemi estava em discussão à porta. Quando o parente mais próximo decidiu desistir de seu direito, ele tirou o seu sapato e o deu a Boaz.

O versículo diz o seguinte: “Este era o costume em Israel, quanto a resgates e permutas: o que queria confirmar qualquer negócio, tirava o calçado e o dava a seu parceiro; assim se confirmava o negócio em Israel”. Assim, quando o parente disse a Boaz: “Redime-o tu”, ele tirou a sandália. Então, Boaz disse aos anciãos e a todo o povo: “Vós sois testemunhas” (Rute 4:7-9). Percorrer uma propriedade com o sapato significava, presumivelmente, que se tinha o direito de possuí-la. Mas, ao tirar o sapato, o parente indicava simbolicamente que estava renunciando ao seu direito de comprar aquela terra e transferindo aquele direito a Boaz. Como disse alguém, ao comentar este verso: “A lei não tem o direito de passar sobre (ou seja, condenar) aquilo que Cristo redimiu”. Isto é bom, não é?! Mas a lei e Satanás têm tentado fazê-lo, não têm? E vocês têm permitido! Mas eles não têm nenhum direito. Você pode vencer a lei que condena e Satanás que acusa pelo sangue do Cordeiro e, para tornar a transação realmente completa, você pode acrescentar a palavra do seu testemunho. O diabo não gosta disso. Ele gosta de tudo trancado no nosso interior. Mas quando vemos o poder do sangue de Jesus para nos dar paz acerca de uma questão, de forma a sermos capazes de compartilhá-la como testemunho com outra pessoa, aí conhecemos uma nova dimensão de liberdade. Eles o venceram (o diabo, o acusador de nossos irmãos) por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram” (Apocalipse 12:11).

Há algum tempo, quando eu estava em outro país em reuniões, estava procurando ver de novo um jovem ministro que conhecera alguns anos antes e que estava experimentando o modo de viver debaixo da graça e o andar com Jesus. Ele era um dos melhores intérpretes no país e eu estava antevendo com prazer o fato de tê-lo como intérprete novamente. Todavia, ele não apareceu por uma ou duas

semanas e, finalmente, veio a uma conferência de ministros. Cumprimentei-o amavelmente, e disse: “Você vai traduzir para mim, não vai?” Ele estava bastante acanhado, e não tinha certeza de que o faria. Toda a vibração havia desaparecido dele e, ele de tal forma havia perdido a alegria que o caracterizava, que senti que aquele não era o irmão que eu conhecera. Com efeito, ele traduziu para mim, mas era evidente que não com facilidade. Depois, ele compartilhou comigo o que havia acontecido. Nos anos anteriores ele tinha tido problemas domésticos, contendas entre ele e sua esposa, o que era largamente sabido entre seus amigos ministros. O Senhor o havia socorrido, mas a vergonha ainda estava ali. E, de alguma forma, ele não sentia que podia se colocar em pé sobre a plataforma ao meu lado e interpretar, sabendo que todos sabiam. A vergonha tirou sua ousadia, e ele sabia que havia uma mancha negra contra ele. Ao compartilharmos, ele viu e se apropriou do poder do sangue de Jesus, não apenas para perdoar os erros iniciais, mas especialmente para purificar a vergonha subsequente, a sensação de não estar livre com as pessoas (o quê elas estão pensando?...). Ele viu que agora tinha um testemunho para dar, não tanto do assunto inicial, mas muito mais com relação à escravidão em que ele estivera como conseqüência, e da qual Jesus o havia agora libertado. Nos meses seguintes ele deixou claro, de uma ou outra maneira, que aquele era o seu testemunho, e seus irmãos ministros o amaram. Eles começaram a sentir estranhamente, que ele possuía algo que eles não tinham, e o convidaram para pregar aqui e ali e o encorajaram a assumir a liderança nesta ou naquela área de sua denominação. Quando minha esposa e eu estivemos ali novamente, três anos depois disto, ele preparou toda a viagem para nós e grande bênção veio sobre outras igrejas e outros ministros por causa desta nova visão do poder do sangue de Jesus que Deus havia dado a ele. Ali estava ele interpretando com alegria ao meu lado a mesma mensagem que o havia libertado, e todos sabiam que era verdade. Que resgatador! Que Parente Próximo! Ele não apenas perdoa os pecados, mas transforma a situação, e nos dá mais do que havíamos perdido.

PERDENDO A CERTEZA DA SALVAÇÃO?

Ao encerrarmos este capítulo, voltemos às palavras que Noemi dirigiu a Rute, quando havia ainda ansiosa dúvida sobre como seria resolvida a questão do parente mais próximo, palavras às quais já nos referimos: “Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará enquanto não se resolver este caso ainda hoje”.

Já vimos a aplicação disto com relação à necessidade de nos aquietarmos e confiarmos nEle, enquanto Ele cuida da restauração dos nossos assuntos. Como já dissemos, podemos descansar, porque Ele não vai descansar, e é seguro deixarmos tudo com Ele. E isto Rute descobriu.

Há, todavia, outra importante aplicação para estas palavras. Alguns têm perdido há anos a segurança sobre sua salvação. Eles tentaram vir a Jesus, procuraram recebê-LO em seus corações, mas ainda não têm certeza do seu relacionamento com Deus e, dificilmente, ousam considerar-se salvos, o que, freqüentemente, lhes causa ansiedade. É, basicamente, uma dúvida quanto à sua justiça diante de Deus, e em que consiste essa justiça. A coisa natural num caso desses é pensar que, se pudessem fazer mais, como orar mais, amar mais, servir mais, dar mais, sentir mais, eles estariam bem com Deus; mas, o problema é que não conseguem fazer tais coisas. Para estes, a mensagem é quase a mesma que estas palavras, mas não totalmente – “espera, minha filha,”. Sim, a mesma mensagem: pare de se esforçar, pare de tentar fazer mais, entregue isto nas mãos dEle! Mas aí, a mensagem não é “o homem não descansará enquanto não resolver a questão”, mas antes, o Homem Cristo já a resolveu! Sua obra na cruz é uma obra acabada, de valor suficiente para remover todos os seus pecados e deixá-lo completamente em paz com Deus, e nada que você possa fazer pode acrescentar algo a esta justiça ou torná-la mais segura. Como resultado de haver terminado Sua obra, Ele descansou e ordena que você também faça o mesmo.

“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus” (Hebreus 10:12). E Ele quer que você se assente também. Contemple o sangue, veja Sua obra acabada na cruz a seu favor e aceita no céu, creia nela e se reconheça salvo. Olhe e viva!

CAPÍTULO 7

O FINAL FELIZ



“E também tomo por mulher a Rute, a moabita”.

Agora chegamos ao final feliz. Todos gostam de uma história com final feliz, e esta é, talvez, uma das razões pela qual o livro de Rute tem sempre um encanto para aqueles que o lêem. Não há final tão feliz como este. Ele excede o de quase qualquer outra história no mundo.

E para nós, também, a história da graça tem um final feliz. Pode haver muitas provas e lágrimas, muitos arrependimentos e vindas à cruz, antes que Jesus complete a necessária restauração de nossos assuntos. Mas quero dizer que a graça de Deus tem sempre um final feliz – e o final feliz da história de Deus sobrepuja totalmente o de qualquer outra, para admiração, alegria e satisfação daqueles envolvidos.

O Salmo 30:5 diz que Sua ira ou, se você prefere outra palavra, Sua disciplina, - à qual Noemi estava sujeita - dura apenas um momento, mas o Seu favor dura a vida inteira. Quando Sua mão é pesada sobre você, parece que nunca vai acabar. Mas, esteja certo, é somente por um momento, como você verá quando olhar para trás. O que dura para sempre é o Seu favor. “Ao anoitecer pode vir o choro”, como foi para Noemi, “mas a alegria vem pela manhã”. Na noite do choro, você pode ser tentado a duvidar e dizer: “Meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus” (Isaías 40:27). Mas você deve por mãos à obra, e dizer: “Por que está abatida, ó minh’alma? Por que te perturbas dentro em mim? Espera em Deus, pois ainda O louvarei, a Ele meu auxílio e Deus meu” (Salmo 43:5).

Sem dúvida alguma, você vai chegar ao feliz desenlace de todas as suas aflições, que a graça tem planejado para você. A graça realmente faz isto por você; de outro modo, a graça já não é graça. Foi assim com Jó. Que tempo de várias provações ele teve; ele pareceu ter perdido todas as coisas; primeiro, suas possessões, depois, seus filhos e, finalmente, sua saúde! Mas quão feliz foi o seu final! Quando ele passou por tudo aquilo, quando se humilhou a si mesmo e se arrependeu

profundamente, o Senhor abençoou seu último estado, mais do que o primeiro (Jó 42:12). Sua saúde foi totalmente restabelecida e suas possessões foram restauradas duas vezes mais do que no início – sim, o número dos seus rebanhos descrito no primeiro e último capítulos, mostra que ele terminou com precisamente o dobro de ovelhas, camelos, bois e jumentas do que no início. Sem dúvida, ele já era um homem rico a princípio; imagine ao final!

Mais do que isso, dez outros filhos lhe nasceram para compensar os dez que ele havia perdido e, um comentário especial é feito sobre o fato de que as suas três filhas eram as mais belas mulheres da terra (Jó 42:15). E seus últimos 140 anos foram os melhores de sua vida! A ira castigadora de Deus durou apenas um momento; o Seu favor, por 140 anos! Um final feliz realmente!

Deixe-me dizer, alto e claro, você pode esperar um brilhante amanhã! Se você acredita nisso, os acontecimentos provarão que sua fé na graça foi amplamente justificada! Nosso Deus é o Deus do final feliz! Ele fará melhor para você do que no seu começo. A graça profetiza apenas o bem ao final para o homem que sabe permanecer aos pés do seu Parente mais Próximo, como aquele que tem estado errado. Ele não pode falar o mesmo daquele que não se quebranta, que não toma aquele lugar. Mas basta ao homem ter um pouco de seu coração quebrantado e contrito, e Deus apenas fala do infinito o bem que lhe intenta fazer. Anime o seu coração, portanto, você que está sendo provado, pois com Jesus há um final feliz – nesta vida, e muito mais no ano do jubileu, quando estaremos com Cristo na glória com todas as coisas consumadas e todas as perdas tornadas em bem.

Neste último capítulo, vemos a definitiva união do solteiro Boaz com a viúva Rute, duas pessoas solitárias unidas em um belo casamento. Rute era solitária, obviamente, mas creio que Boaz era solitário também. Ele não era jovem, e ainda não havia achado uma noiva. É verdade que ele teve de pagar para obter Rute, como ele mesmo disse: “Rute, a moabita, a esposa de Malom, eu adquiri para ser minha mulher”. Mas, que é isso, comparado com a alegria de achar alguém com quem dividir sua vida? E, além disso, as terras da família de Malom foram salvas para serem herdadas por um descendente que eles tivessem.

Tudo isso é um pálido reflexo da maior união de todas: aquela de todo pecador solitário e, ousaria dizer, com O Salvador Solitário. Certamente, à parte daqueles que compõem a igreja, Jesus Cristo está sem esposa. Tem de ser assim, pois por um grande preço Ele estava querendo adquirir-nos; você lembra do texto: “A igreja de Deus, a qual Ele comprou com seu próprio sangue”? (Atos 20:28). E você é parte daquela igreja, daquela noiva. Quando você vem à Sua cruz, há uma bela experiência do triste e solitário pecador sendo unido ao Salvador, que está sempre cuidando de Sua noiva. De fato, quando fomos salvos, sabíamos disso, mas não temos andado muito como esposas desde então, não é mesmo? Mas tudo pode ser renovado na Sua cruz e, quando necessário, novamente depois disso.

Quero agora que você considere o que as pessoas disseram nesta ocasião. Seu entusiasmo era imenso; não houve uma relutante aceitação de Rute; eles haviam acompanhado toda a história enquanto ela se havia desenrolado; eles haviam admirado a humildade dessa jovem gentia e estavam muito contentes por Boaz finalmente ter achado uma noiva. Uma vez terminada a transação com o parente mais próximo, o povo começou a expressar com grande alegria suas felicitações a Boaz e Rute. Veja algumas das coisas que eles disseram:

NÓS SOMOS TESTEMUNHAS

Quando Boaz lhes disse: “Vós sois testemunhas de que tomei a Rute para ser minha esposa”, todos eles exclamaram: “Nós somos testemunhas”. Na verdade, em hebraico, as palavras “nós somos” não aparecem; eles apenas gritaram uma palavra: “testemunhas!” Eles se declararam testemunhas de um belo ato da graça de Deus. Isto me leva a um texto de Atos dos Apóstolos, que diz: “Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu nome, todo o que nEle crê recebe remissão de pecados” (Atos 10:43). E não apenas os profetas deram testemunho desta grande redenção, mas também o Pai, dos céus, deu testemunho e, em mais de uma ocasião falou audivelmente: “Este é o Meu Filho, este é o Redentor que enviei ao mundo” (Mateus 3:17, 17:5, João 12:28). E não apenas o Pai, mas uma grande companhia de outros, pois quando vemos este tipo de coisa acontecer em uma vida, nós também exclamamos: “testemunhas!”. Não há nada que alegre mais a

nossos corações do que ver a graça triunfar em uma vida.

NÃO MAIS ESTRANGEIRA

Depois vemos que eles disseram: “O Senhor faça a esta mulher que entra na tua casa...”. Que bela maneira de descrever esta gentia – não há menção aqui da sua condição anterior de moabita. Tudo que era de Moabe, com relação a ela havia morrido, por assim dizer, quando se uniu a Boaz. Ela não é, daqui para frente, nos versos subseqüentes, chamada de moabita. É assim conosco; uma vez que nos unimos a Cristo, ou quando voltamos novamente para Ele, nenhuma menção é feita acerca do nosso triste passado. O velho homem é visto como acabado com Cristo na cruz há muito tempo.

Rute não tinha mais motivo para dizer o que disse nos campos de Boaz: “Como é que fazes caso de mim, sendo eu estrangeira, não sendo eu nem ainda como uma das tuas servas?”. Ela não é mais uma estrangeira; ela é realmente adotada na comunidade de Israel e você também. Até que você esteja em paz com Deus, você sente que é diferente, não é como os outros cristãos, você realmente não faz parte. Mas quando toma o lugar de pecador e compartilha sua nova experiência com Jesus, você não é mais um estrangeiro, é apenas mais um pecador ao redor do Salvador!

Este é o caminho para a comunhão com outros cristãos. Algumas vezes as pessoas se sentem “de fora”. No leste da África, uma das grandes críticas feitas por aqueles que não simpatizam com o reavivamento é que a sua comunhão tem sido exclusiva.

Há alguns missionários que nunca sentiram que foram bem aceitos, mas outros foram. A razão é simples: alguns não vieram à companhia dos pecadores pelo único caminho possível, isto é, tomando o lugar de pecadores e dando um testemunho de pecador. Quando uma pessoa faz isso, ela se sente trazida à uma doce e cuidadosa comunhão. Ela não pode estar mais “por dentro” do que o sangue de Jesus a traz.. E, assim como Rute, não somos mais estrangeiros; nós realmente fazemos parte.

COMO RAQUEL E LIA

Note o que mais eles disseram: “O Senhor faça a esta mulher que entra em tua casa como a Raquel e a Lia”. Estas duas esposas de

Jacó foram as mães fundadoras de Israel, de onde surgiram as doze tribos. Essas pessoas eram israelitas orgulhosos, mas mesmo assim sua aspiração para esta mulher era que ela fosse como uma de suas princesas; era mais do que uma aspiração, provou ser profético. Como podemos ver, ela foi, de fato, feita como Raquel e Lia, pois veio a ser da linhagem dos reis de Israel e do Messias de Israel.

Deus se deleita em colocar mendigos entre príncipes; aqueles mendigos que admitiram diante dEle que são mendigos. É costume da graça designar altos e santos privilégios e preciosas esferas de serviço, e muito mais além da nossa expectativa, para aqueles que têm se colocado ao pé da cruz como fracassados e dito: “cobre-me”. Ele faz mais do que cobrir-nos, e diz: “amigo, senta-te mais para cima”, muito mais para cima do que jamais pedimos ou pensamos.

“BOAZ, FAZE-TE NOME AFAMADO”

E então, eles acrescentaram um desejo especialmente para Boaz: “E tu, Boaz, há-te valorosamente em Efrata, e faze-te nome afamado em Belém”. Jesus, nosso Boaz, é famoso! Gosto de pensar na fama de Jesus, e pergunto a mim mesmo o que O faz tão famoso? Veja o número dos bons cristãos, dos quais Ele anda em redor, dando-lhes tapinhas nas costas, e dizendo: “Muito bem”. Isto não O faz famoso, porque Ele não pode achar bons cristãos para bater-lhes nas costas. Ele não pode bater nas minhas costas nem nas suas. Na avaliação que Deus faz de bons cristãos, somos totalmente desqualificados. O que O fez famoso são os pecadores que Ele salvou, os santos fracassados que Ele restaurou, as horríveis situações às quais Ele trouxe reavivamento, e os milhares de casos nos quais Ele fez alguma coisa boa, à partir de uma vida arruinada. Nos evangelhos, vemos a frase: “A fama de Jesus” numerosas vezes – “a Sua fama chegou até a Síria”, “Herodes, otetrarca, ouviu a fama de Jesus!, e assim por diante. (Mateus 4:24; 14:1). Mas não eram pessoas de posse com quem havia jantado, ou os grandes aos quais Ele Se associou que O fizeram famoso. Quando mandou sua mensagem a João Batista na prisão, Ele anunciou em que consistia Sua fama: “os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o Evangelho”. (Mateus 11:5). Um grupo

heterogêneo... especialmente os mortos! Mas foi ali que Jesus obteve Sua fama. E hoje Ele está fazendo o mesmo de uma forma moral e espiritual e, é famoso exatamente por isso. Você sabia que Ele adquire fama ao satisfazer suas terríveis necessidades?

NÃO UM SEGUNDO MELHOR

E então o povo prosseguiu, dizendo: “Seja a tua casa como a casa de Perez, que Tamar teve de Judá pela prole que o Senhor te der desta jovem”. Toda história nos é dada em Gênesis 38, e a importância de citarem o caso de Tamar é que era similar ao de Rute. Ela havia desposado um dos filhos de Judá, e ele havia morrido sem lhe deixar filhos. Ela foi outra viúva no Velho Testamento que invocou a lei do Goel, e outro da família suscitou descendência em nome do seu marido, e Perez nasceu. Dele veio uma longa e distinta linhagem, da qual o próprio Boaz surgiu.

Agora, eu sugiro que eles disseram isto porque temeram que Boaz e Rute pudessem sentir que, como este era o segundo casamento de Rute, não seria tão bom como se ela estivesse casando pela primeira vez, ou seja, uma espécie de “segundo melhor”. De maneira alguma, eles disseram, este pode ser tão frutífero e importante quanto aquele de Tamar, de quem veio a casa de Perez.

A aplicação espiritual é esta: porque alguns vieram ao Senhor de uma história de grande fracasso e vieram tão tarde, podem estar inclinados a achar que estão agora recebendo do Senhor uma espécie de “segundo melhor”. Não deixe que acreditem em tal sugestão! Segundo melhor? Segundo, talvez, em questão de tempo, mas não de qualidade.

De fato, você estragou o primeiro plano de Deus para você, mas Ele não foi derrotado; Ele tem uma resposta para a nova situação e produziu um segundo plano e, quem é você para dizer que o Seu segundo plano é inferior ao primeiro?

Note a frase – segundo melhor – ainda é o melhor – Seu melhor para você. Coisas maravilhosas têm sido feitas das vidas daqueles que não têm nada a oferecer a Ele, além de quebrantamento e luta. Quão encorajador é quando alguém cita para nós o caso de Tamar, que esteve na mesma situação em que nós estivemos, e que da sua vida foi feito algo belo, algo bom. Nosso passado ou presente, seja qual for, não

precisa ser uma barreira para a graça de Deus.

NA LINHAGEM DE CRISTO

E agora tudo é passado. Deus, de fato, fez a vida dela como a de Raquel e Lia e aquela casa como a casa de Perez. Como resultado de sua união com Boaz, nasceu Obede que, por sua vez, veio a ser o pai de Jessé, e este, pai de Davi; e, da casa e linhagem de Davi, segundo a carne, veio Jesus Cristo, o Salvador do mundo. E esta jovem viúva gentia, atingida pela pobreza e sem nenhuma herança, não apenas teve aquela herança restaurada e ela mesma feita esposa de Boaz, mas teve seu lugar na linhagem da qual veio o Messias. Aquelas aspirações provaram ser, na realidade, profecias.

Temos nos últimos versos do livro de Rute um pouco daquela linhagem até Davi, mas você pode ver toda a linhagem até o Messias em Mateus 1. Genealogias são sempre consideradas seriamente pelos hebreus no Velho Testamento e, sem dúvida, esta que, no Novo Testamento traz a genealogia de Jesus Cristo no seu aspecto humano, era tremendamente importante para os hebreus cristãos. Era uma evidência documentária que, entre muitas outras coisas, substanciava sua reivindicação de ser o Messias descendente de Abraão e de Davi, como profetizado.

Nas genealogias hebraicas, normalmente só o nome do pai é mencionado, e usualmente não há menção de mulheres nelas. Mas quando colocamos nossos olhos nesta lista diante de nós, vemos que quatro mulheres são mencionadas, uma quebra deliberada da convenção, e Rute é uma delas. Que significado especial tem o fato, quando pensamos que cada uma destas mulheres tem, aos olhos do mundo, o que poderíamos chamar de uma desqualificação contra elas, uma espécie de mancha negra.

A primeira mulher mencionada é Tamar, no verso 3: “E Judá gerou a Perez e a Zera de Tamar”. Eu já disse que um da família tomou o lugar de Goel e suscitou descendente para ela. O que eu não disse naquele ponto é que quem fez isso foi seu sogro, porque seu cunhado recusou-se a fazê-lo. As circunstâncias nas quais isso aconteceu, tão fielmente registradas nas páginas sagradas, não constituem uma história agradável e, certamente, não recomendam a nenhuma das pessoas

envolvidas e, menos do que todas, a Tamar.

A segunda mulher mencionada é Raabe, no verso 5: “E Salmom gerou de Raabe a Boaz”. Esta era Raabe, a prostituta, que escondeu os espias de Josué antes que Jericó fosse tomada. Ela não salvou apenas sua vida ao fazer assim, mas tomou lugar entre os israelitas e, aparentemente, casou-se com um deles; e este era Salmom, que veio a ser pai de Boaz.

Sim a mãe de Boaz não foi só uma gentia, mas uma que havia sido prostituta. Talvez fosse essa a razão pela qual Boaz teve dificuldade em achar uma noiva entre os hebreus.

A terceira mulher mencionada é Rute, no verso 5: “E Boaz gerou Obede de Rute”. Certamente não há nenhuma mancha moral contra o seu nome, como disse Boaz: “Toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa”. Mas ela era gentia, normalmente considerada como estranha à comunidade de Israel e às alianças da promessa.

A quarta mulher mencionada é Bate-Seba, no verso 6: “E o rei Davi gerou a Salomão, da que fora mulher de Urias”. E todos sabemos a vergonhosa história de como ela foi envolvida quando Davi, em sua hora de fraqueza, cometeu adultério.

Que faremos do fato destas quatro mulheres serem incluídas nesta genealogia? Um antigo comentarista escreveu em algum lugar acerca desta passagem: “Foi para mostrar que pecadores podem ter parte em Cristo, pois, se pecadores estão entre Seus ancestrais, há lugar para pecadores entre os Seus descendentes – e eu sou um deles!”.

Todavia, a despeito destas aparentes “fraquezas” em Sua genealogia humana, Sua total divindade e ausência de pecado permanecem sem serem afetadas, porque Ele foi concebido no ventre de Maria, não por homem, mas pelo Espírito Santo, e declarado Filho de Deus com poder pela Sua ressurreição dentre os mortos. De fato, Ele é o Parente mais Próximo dos pecadores.

UM FILHO PARA NOEMI

Agora, esta é a última parte de nosso estudo. Não nasceu apenas um filho para Rute, mas um neto para Noemi. O livro começa com Noemi na sua aflição, mas termina com sua face marcada, coroada de sorrisos, segurando em seus braços um pequeno neto, que ela jamais

esperava ver. Há lágrimas em sua face, mas são lágrimas de alegria. As mulheres, suas vizinhas, estavam emocionadas como Noemi, e diziam: “À Noemi nasceu um filho” (ou antes, um neto). Na verdade, pelos laços de sangue, não era seu neto; somente o filho de Malom poderia sê-lo mas, debaixo desta graciosa lei do Goel, a criança nascida a Boaz e Rute seria considerada seu próprio neto, que iria herdar as terras de seu filho. Sua alegria foi sem limites ao tomar o bebê em seus braços e cuidar dele.

Ouçã o que as mulheres disseram, pois há algo instrutivo para nós: “Seja o Senhor bendito, que não deixou hoje de te dar resgatador, e seja afamado em Israel o nome deste”. Em outras palavras, fossem quais fossem as perdas que pudessem ocorrer no seu futuro, sempre haveria, quando esta criança crescesse, um parente próximo para redimí-los. “Ele será Restaurador da tua vida, sustentador da tua velhice”. Nunca mais ela precisaria temer o aperto da pobreza.

Isto indica como nós podemos experimentar a continuidade da experiência da graça na qual temos entrado, ou, se podemos colocar assim, como podemos experimentar contínuo reavivamento. Somente é possível quando vemos que o Senhor não nos deixou sem resgatador, que será um “restaurador da nossa vida e sustentador da nossa velhice”.

As coisas podem sair errado, e nossa vida espiritual pode começar a declinar, mas Jesus está ao alcance para restaurar o que pode ter sido perdido. E Ele está pronto a fazê-lo a todo o tempo, se você for a Ele, porque o Seu sangue nunca perde o poder. Onde quer que haja uma ostensiva continuidade de reavivamento em uma vida ou grupo de vidas, sempre haverá um contínuo chamar o pecado de pecado, e uma prova do poder do Seu sangue para libertar novamente. Ele é, de fato, nosso Resgatador e o contínuo Restaurador da nossa vida.

E assim, a história termina com a face de Noemi brilhando de alegria, as perdas do passado, todas transformadas em bem, e seu futuro assegurado.

Oh! Diz ela, este é um final feliz!

E assim, fechamos as páginas deste doce livro de Rute. Rute passa de nossas vistas, assim como Boaz e Noemi, mas o Senhor Jesus Cristo, nosso Parente mais próximo, permanece para encher nossa visão.